AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

MARCELO JOSÉ DA SILVA

AS REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS NO GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES (1928 –1945)

UBERLÂNDIA –MG, 1999

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS
Campus Sta Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Doa. 1558 Prod. científica (2) exs. s. 15 Leah

Marcelo José da Silva

Aluno do 9 º período do Curso de Graduação em História

AS REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS NO GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES (1928 –1945)

Trabalho elaborado com o objetivo de servir como subsídio para a obtenção do título de Bacharel em História.

Universidade Federal de Uberlândia

Centro de Ciências Humanas e Artes

Curso de Bacharelado e Licenciatura Plena em História

UBERLÂNDIA -1999

Monografia apresentada à coordenação dos cursos de História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU – e defendida perante a Banca Examinadora integrada pelos seguintes Professores Doutores:

_____

_____

_____

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais: Sr. José Peixoto da Silva e a Minha querida mãe Joaquina de Jesus Ferreira da Silva, sem os quais seria impossível a realização do mesmo.

Ao meu amigo, Dr. Gilmar Cleto Carneiro de Luna, que com paciência e compreensão, contribuiu ao longo dos anos de pesquisa para a efetivação desse trabalho.

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
N.o
Data / /

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles, que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho: aos ex-alunos , ex-professoras e ex-diretora da E. E. Raul Soares, que concederam entrevistas, e forneceram informações essenciais para a realização desse trabalho.

À atual direção da E. E. Raul Soares, e aos seus funcionários, que tanto contribuíram com as suas preciosas informações.

Aos funcionários e a diretora do Arquivo Público de Araguari, que sempre se mostraram prestativos, acolhendo-me com afabilidade ao longo dos dias que trabalhei no levantamento de fontes naquela instituição.

A Professora Thaís Tormin Porto Arantes, pela sua preciosa contribuição, fornecendo-nos informações importantes sobre a sua mãe D. Maria José Rodrigues Tormin que foi ex-professora do Grupo Escolar Raul Soares.

Em memória do Professor Abdalla Mameri, que durante a sua vida tanto se preocupou com a História do Grupo Escolar Raul Soares, fornecendo-nos importantes informações sobre o mesmo.

Agradeço, de forma especial, ao meu orientador Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho, pela paciência ao corrigir, avaliar, indicar leituras, e sobretudo, ao permitir que esse trabalho fosse realizado respeitando a minha liberdade para exprimir as minhas idéias.

E finalmente, agradeço a todos os meus colegas, pesquisadores e bolsistas do Núcleo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia, pelo total apoio, sem o qual seria difícil a realização desse trabalho.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA----------04

AGRADECIMENTOS----------05

INTRODUÇÃO ----------08

CAPÍTULO I – O CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO DO "GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES---------- 18

1.1 – ORIGEM DE ARAGUARI---------- ---- 19

1.2 – O GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES DE ARAGUARI – 1908 A 1927----------24

1.3 - O GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES: UMA ESCOLA DE ENSINO PÚBLICO--- 33

CAPÍTULO II - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, DISCIPLINA E NACIONALISMO NA ESCOLA----------37

2.1 – O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS---------- 38

2.2 – DISCIPLINA NA ESCOLA---------- 40

2.3 – AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS DISCIPLINAS---------- 46

2.4 – REPRESENTAÇÕES DO NACIONALISMO NA ESCOLA---------- 46

CAPÍTULO III – AS REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS NO GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES---------- 50

3.1- A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA NA CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO NACIONALISTA NO GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES------- 51

3.2- A EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA NO GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES E AS REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS---------- 55

3.3 -OS MEIOS DE COMUNICAÇÕES AS REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS--63

CONSIDERAÇÕES FINAIS---------- 67

BIBLIOGRAFIA---------- 71

FONTES PRIMÁRIAS---------- 74

ANEXOS---------- 75

ANEXO 1---------- 76

ANEXO2---------- 77

ANEXO3---------- 79

INTRODUÇÃO

Essa monografia é resultante de dois projetos de pesquisa dos quais participei.

O primeiro foi o Projeto Levantamento e Catalogação de Fontes Primárias e Secundárias para a Educação Brasileira no Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba. Nele foram levantados e catalogados documentos escritos e icnográficos encontrados nos arquivos, bibliotecas públicas e nas escolas fundadas anteriormente ao ano de 1960 nas cidades de Araguari, Uberaba e Uberlândia. O projeto foi coordenado pelo Pr. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto do departamento de História da UFU-MG.

O objetivo daquele projeto foi construir um arquivo eletrônico de armazenamento dos dados recolhidos na pesquisa e em um futuro próximo disponibilizá-los na Internet.

O segundo projeto, cujo o título é Memória e História das Instituições Escolares no Triângulo Mineiro: a E.E. Raul Soares de Araguari-MG (1908 a 1960), surgiu a partir do primeiro, devido à necessidade de conferir novos objetos às nossas pesquisas. Nele pretendíamos sistematizar a memória, bem como oferecer uma interpretação histórica sobre a E.E. Raul Soares de Araguari.

Optamos por essa Escola, por ter sido uma das primeiras mantidas pelo Estado no Triângulo Mineiro; e por uma opção pessoal, uma vez que coube a mim e a um outro bolsista a incumbência de realizar o levantamento de fontes referente ao primeiro projeto em Araguari. Uma vez constatada a existência de uma das mais antiga escola pública do Triângulo Mineiro, interessei-me em pesquisar o seu passado.

Ambos os projetos supracitados, foram desenvolvidos no Núcleo de História e Historiografia da Educação, que funciona junto ao Programa de Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente, os pesquisadores do Núcleo trabalham

com duas linhas de pesquisa específicas: As Instituições Escolares no Triângulo Mineiro e uma outra que investiga a história da educação no Triângulo Mineiro através da imprensa.

Os objetivos gerais do Núcleo de Pesquisa aqui mencionados são a preservação da memória das escolas pesquisadas e também oferecer subsídios para a produção científica sobre a educação no Triângulo Mineiro.

Historiar as Instituições Escolares no Triângulo Mineiro, significa recuperar uma História que estava ameaçada, dando voz aos agentes históricos envolvidos, direta ou indiretamente, no processo educacional de milhares de crianças que tiveram o seu primeiro contato com o conhecimento sistematizado nas escolas da região.

A historiografia educacional contemporânea vem se interessando por novos campos de pesquisa até então ignorados pela Historiografia Educacional Tradicional. Neste sentido, tem surgido novas tendências e práticas historiográficas variadas, entre elas a História das Instituições Escolares.

A História das Instituições Escolares constitui uma tendência na Historiografia Educacional Contemporânea que se preocupa em estudar os processos históricos que as diferentes instituições escolares vivenciaram, procurando apreender os seus aspectos singulares e específicos.

Optamos por essa tendência historiográfica, por nos parecer dar conta de uma história da educação capaz de destacar os diversos atores envolvidos no processo educativo, investigando os processos que acontecem no interior das escolas, oferecendo-nos uma análise profunda dos processos vivenciados por essas.

Nesse sentindo, Justino Magalhães defende que:

> *Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade ou região, é por fim sistematizar e (re)*

> *escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico1*

Portanto, ao ancorar nossa pesquisa dentro da perspectiva da História das Instituições Educativas, pretendemos oferecer uma interpretação histórica fundamentada em uma tendência de pesquisa que, sem menosprezar as análise da macro-história, privilegia as práticas da micro-história.

A micro-história é uma prática historiográfica que visa um estudo denso das estruturas dos acontecimentos. Nessa prática, as especifidades e singularidades do objeto pesquisado são levados em conta.

Em uma entrevista à "Revista de História da UFOP", em 1990, falando sobre a micro-história, Ginzburg afirma:

> *A micro-história, no meu modo de ver, não está ligada à especificidade do objeto, mas sim à preocupação analítica(...)*
>
> *A micro-história implica em uma abordagem ao mesmo tempo analítica, centrada em um tema específico, não necessariamente marginal e voltado para as discussões teóricas2*

Observamos que para Ginzburg, a micro-história é uma prática historiográfica que não tem, necessariamente, um objeto específico. O que para ele caracteriza a micro-história é a abordagem analítica que se faz do objeto no interior do embate teórico.

Entendendo a micro-história como uma prática historiográfica, Giovanni Levi procura definir:

> *A micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental3*

---

1 Justino MAGALHÃES. Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo. Universidade de Minho (mimeo.), p-2.

2 Renato P. VENANCIO, A História e a Micro-história: uma entrevista com Carlo Ginzburg. **Revista de História.** Ouro Preto: UFOP, n. 1, 1990, pp. 1-6.

3 Giovanni LEVI, Sobre a Micro-história. In: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História.** Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p-136.

Buscando teorizar sobre a micro-história, Levi aponta que:

> *Estas, então, são as questões e posições comuns que caracterizam a micro-história: a redução da escala, o debate sobre a racionalidade, a pequena indicação como um paradigma científico, o papel do particular (não, entretanto, em oposição ao social), a atenção à capacidade receptiva e à narrativa, uma definição específica do contexto e a rejeição do relativismo.4*

Acreditamos que a prática da micro-história na presente pesquisa possa contribuir para uma análise sobre a Escola Estadual Raul Soares de Araguari, buscando uma melhor compreensão à problemática em questão. Nesse sentido, a nossa pesquisa caracterizará como um estudo de caso, isto não implica, de forma alguma, estudá-la fora do seu contexto sócio-histórico-cultural.

Realizaremos essa pesquisa com base no Paradigma Indiciário:

> *(...) Carlo Ginzburg, ao investigar a existência de um Paradigma que denominou "indiciário", posicionou-se contrariamente a uma orientação "galileana", quantitativa e ligada aos métodos das ciências ditas "duras". Segundo ele, um estatuto científico forte é indesejável para as formas de saber ligadas à experiência cotidiana e que preocupam-se com a análise de dados qualitativos. O que importa, para o Paradigma Indiciário, é o que chama de "rigor flexível", sem regras formais rígidas."5*

O Paradigma Indiciário, foi observado por Ginzburg e anunciado em sua obra : "*MITOS, EMBLEMAS e SINAIS*", especialmente no Capítulo intitulado: "*SINAIS: RAÍZES DE UM PARADIGMA INDICIÁRIO*". Segundo ele, este Paradigma de um "saber indiciário" constitui um método cuja força está na observação dos pormenores, mais reveladores do que na dedução. Em linhas gerais podemos dizer que o Paradigma Indiciário constitui um método pelo qual parte-se dos indícios (pistas, sintomas) para a formulação e/ou narrativa.

---

4 Idem, p-159

5 Márcia Janete ESPIG, "Limites e possibilidades de uma nova História Cultural", p. 08.

Segundo Ginzburg, esse Paradigma Indiciário, vem sendo aplicado na sociedade humana ao longo dos tempos. Como exemplo ele cita o caçador que, para chegar à sua caça, utiliza-se de pistas que por outros seriam desprezadas. Outro exemplo é o do médico que para diagnosticar uma doença analisa os sintomas.

Para ele

> *"(...) o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o médico o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjetural"6*

Acreditamos que esse paradigma nos propicie um estudo denso das estruturas dos acontecimentos, possibilitando dessa forma uma interpretação baseada nos "indícios" do passado investigado.

Desta forma, pretendemos que nossa pesquisa tenha como principal preocupação discutir o processo histórico- educacional pelo qual a instituição aqui pesquisada passou. Nesse sentido, é imprescindível ancorarmos está análise nos conceitos e categorias desenvolvidos pelos principais pesquisadores da História das Instituições Educativas, tais como: JUSTINO MAGALHÃES, ESTER BUFFA, LÍCINIO LIMA E OUTROS. Nessa pesquisa pretendemos trabalhar com a micro-história, por entender que o estudo das instituições educativas deve ser analisado dentro de suas especificidades e singularidades, obviamente considerando o seu contexto. Com isso, pretendemos afirmar que a prática da micro-história não significa uma análise reducionista, onde o objeto é deslocado da sua realidade sócio-cultural, mas um estudo do objeto em suas múltiplas dimensionalidades. Portanto, o que JUSTINO chama de meso-abordagem, pode ser também entendido por micro-história.

Para atender as exigências de tais práticas historiográficas resolvemos trabalhar com um recorte temático e temporal. Neste sentido, pretendemos oferecer aqui um estudo sobre a

---

6 Carlo GINZBURG, Sinais: Raízes de um paradigma indiciário, pp. 143–179.

representação do nacionalismo no Grupo Escolar Raul Soares de Araguari7 entre os anos de 1928 a 1945.

Escolhemos o ano de 1928 como início de nosso estudos por ser um ano decisivo para a história do Grupo Escolar Raul Soares, pois naquele ano o novo prédio foi inaugurado, também por que foi nessa época que se implantou o ensino religioso nessa instituição e, o ano de 1945, por representar o fim do Estado Novo.

O que entendemos por representação nacionalista é um conjunto de práticas e discursos visando construir no cidadão um imagem sobre a Nação. Acreditamos que tais representações contribuíram para a aceitação de uma ideologia (a Ideologia do Estado Novo), que visava a manutenção do Estado Burguês, que naquele momento histórico via-se ameaçado pela expansão das idéias socialistas, em especial as provindas do comunismo. A essa ideologia, onde o Estado utilizando do conceito de nação, construindo, através da propaganda e da disciplina, representações sobre a nação brasileira, visando a manutenção do "status quo", é o que chamamos de nacionalismo.

O Estado Novo, denominação dada ao governo ditatorial de Getúlio Vargas entre 1937 a 1945, é chamado de Estado Compromisso, por trazer em seu bojo um conjunto de idéias em torno do Estado-Nação, impostas através da força da máquina do Estado, toda uma ideologia, que tem entre outros objetivos substituir o conceito de Luta de Classe por Colaboração entre classes. Essa idéias em torno do Estado-Nação formarão um conjunto de representações que fundamentam os atos do Estado.

Naquele momento o Estado Burguês viu-se ameaçado por um "fantasma" o comunismo. Implantado com sucesso em alguns países da Europa, o regime comunista representava uma ameaça constante da Classe Burguesa, por questionar os seus valores. A classe burguesa, preocupada com os avanços das idéias socialistas no Brasil, aliada a

7 Araguari é uma cidade com mais de 100.000 habitantes, localizada a 30 Km. de Uberlândia, no Triângulo Mineiro

outras instituições, entre elas a Igreja e o Estado, criaram representações sobre o Comunista. Tais representações são dirigidas a toda a Nação.

As idéias socialistas no Brasil desenvolveram-se principalmente com a entrada de grande contigente de imigrantes, em especial os que provinham da Europa, nos fins do século XIX. Contudo, prosperam principalmente nas duas primeiras décadas da República com a adesão de uma parte dos intelectuais brasileiros. As idéias socialistas cresceram em número de adeptos ameaçando a hegemonia da classe burguesa. Assim sobre a justificativa de ameaças internas e externas à nação brasileira, o então presidente Getúlio Vargas fechou o Congresso em 10 de novembro de 1937, num Golpe de Estado que representou o início do período denominado Estado Novo.

O Estado utilizando-se de sua máquina governamental e das Instituições Civis e Políticas, desejava construir um cidadão dócil e defensor dos novos valores.

Três instituições civis merecem destaque na construção das representações nacionalista e do comunismo: a Igreja, os meios de comunicação de massa e a Escola.

A Igreja ameaçada pelas idéias que visavam reavaliar os valores morais da sociedade representou o comunismo como algo que destruiria o maior dos valores cristão: a Família.

A Família tal qual é organizada constitui a base da sociedade burguesa. É na família que a criança aprende os valores morais da sociedade e através de práticas autoritárias a criança é condicionada a aceitar a hierarquia, a acatar as ordens que vinham de superiores e sobretudo não questioná-las.

A figura do pai e da mãe como um autoridade legitimada pela religião e, portanto, como algo divino, é o suficiente para a criança não questionar as determinações provindas da família.

A Igreja enquanto detentora da Moral Cristã cria uma representação do comunismo visando atingir os seus fiéis. Ao identificar o comunista como o anticristo impingia aos seus

fiéis a obrigação de combatê-lo. Para a Igreja as injustiças sociais eram transitórias, pois, a verdadeira felicidade consistia em alcançar o "Reino dos Céus" e não estaria aqui na terra. Aliado a isto, a Igreja defenderá uma sociedade harmônica e sem conflitos sociais, cabendo a ela o papel de confortar os menos favorecidos.

Os meios de comunicação de massa foram amplamente utilizados por Getúlio Vargas para convencer os cidadãos da necessidade do combate às idéias comunista e também para sensibilizar para a necessidade de uma sociedade ordeira, permitindo desta forma o desenvolvimento do país.

Getúlio Vargas era, sem sombra de dúvidas, uma liderança carismática que prometia justiça social e desenvolvimento ao país. Sobre a imagem de um país rico que precisava desenvolver-se para que todos os brasileiros pudessem usufruir de suas riquezas, ele, ao mesmo tempo que consolidava uma série de leis trabalhistas, resultantes das conquistas políticas, principalmente da esquerda, financiava, através do aparelho do Estado a indústria de base que favoreceram a emergente classe da burguesa industrial.

Desta forma, os discursos de Getúlio Vargas, aliados aos seus empreendimentos, criaram a representação de um país que estava em desenvolvimento, apontando ali o caminho certo para a nação, justificando a própria ditadura.

A escola foi outra das instituições, utilizadas por Vargas e um "locus" importante para a divulgação de conceitos e práticas que visavam inculcar as referidas representações sobre a nação, onde, através de prática e discurso baseados em uma imagem sentimental da pátria, completaram as estratégias para alcançar o objetivo de "moldar" o educando, possibilitando, dessa forma, uma melhor aceitação das imagens e idéias veiculadas pelo Estado.

Queremos com esse estudo mostrar que as representações nacionalistas no Estado Novo foram construídas com o objetivo de inibir qualquer manifestação ou proliferação de idéias contrárias ao Estado Burguês na escola, em especial as idéias Socialistas, sobretudo

as comunistas, que naquele momento histórico, constituiriam uma ameaça para o Estado Burguês.

Acreditamos que as técnicas disciplinares que vinham sendo praticadas na escola, aliadas à moral cristã, que naquele momento combatia com fervor as idéias socialistas, contribuíram para uma melhor aceitação das medidas autoritárias adotadas pelo Estado em relação à escola.

Para chegarmos a essas informações, entrevistamos alunos, professores e diretores do "Grupo Escolar Raul Soares", que atuaram na escola no período mencionado, o que, acrescido da leitura de jornais de época e outros documentos escritos possibilitou-nos, mediado pelo aparato teórico de que dispomos, responder à seguinte problemática: quais as representações do nacionalismo que podemos apreender no Cotidiano Escolar do Grupo Escolar Raul Soares entre os anos de 1928 a 1945 e quais suas implicações socioculturais para o educando?

Dividimos esse estudo em três capítulos:

No primeiro abordaremos o contexto sócio-histórico do "Grupo Escolar Raul Soares".

No segundo, intitulado *Representações sociais, disciplina e Nacionalismo na Escola*, analisaremos os conceitos de: representação social, de disciplina e do nacionalismo; bem como as práticas nacionalistas que chegaram à escola.

No terceiro capítulo, intitulado *As representações nacionalistas no Grupo Escolar Raul Soares* analisaremos a influência da Igreja Católica na construção das Representações nacionalistas no Grupo Escolar Raul Soares; a influência da Educação Moral e Cívica na construção das Representações na escola aqui analisada e os meios de comunicações e as representações nacionalistas.

Essa monografia, cuja a orientação se deve ao Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Uberlândia, visa

estudar as representações do nacionalismo no Grupo Escolar Raul Soares de Araguari entre os anos de 1928 a 1945.

Pretendemos, com esta monografia, contribuir para uma melhor compreensão do Ensino Público em suas múltiplas dimensionalidades nesta região.

Acreditamos, desta forma, que estaremos contribuindo para a escrita de uma História da Educação, baseada nos processos específicos que assume o ensino em nossa região, desmistificando uma História da Educação universalizante, incapaz de levar em consideração os processos singulares e específicos, tanto em nível institucional, quanto local e regional.

O CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO "GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES" DE ARAGUARI

1.1 - Origem de Araguari

A história de Araguari, como das demais cidades da região, confunde-se com a História do Triângulo Mineiro.

Os primeiros europeus a cruzar essa região (em 1682) foram os portugueses, através da entrada de Bartolomeu Bueno da Silva, que se tornou conhecido como "Anhangüera". A principal motivação que levou Anhangüera a desbravar os sertões dessa região, foi o sonho da riqueza, através da descoberta de ouro e prata, o que veio a acontecer na região que foi denominada Capitania de Goiás.8

Nessa época, a região era povoada por índios da nação Caiapó, que não aceitaram passivamente a dominação dos recém-chegados (portugueses), que entre outras coisas, pretendiam impor a esta nação (Caiapó) uma cultura que em nada se parecia com a deles. Nesse sentido, os Caiapós realizavam emboscadas violentas contra os viajantes que atravessavam a região. Esses, por sua vez, viam nos índios, ótimas presas para a escravidão, e sempre que possível, capturavam-nos e escravizavam-nos. A reação dos indígenas constituía em constante risco para aqueles que se aventuravam a passar pela rota de Anhangüera.9

> *Quem mais levava prejuízo com esta situação eram as povoações de Goiás. Por isso, a câmara de Vila Boa (Goiás) resolveu pedir ajuda à câmara de Cuiabá (Mato Grosso). Essa, entregou o caso nas mãos do Coronel Antônio Pires de Campos, sertanejista experimentado, o qual organizou, em 1748, uma grande expedição, composta em grande parte por índios mansos, conseguindo expulsar para longe os índios Caiapós. Mas o Coronel Antônio Pires de Campos não se contentou com a*

8 Coube ao Anhangüera a descoberta da vasta região que, no tempo do Império, passaria a denominar-se província de Goiás. Até Agosto de 1816 a região hoje denominada Triângulo Mineiro, então constituída pelos Julgados de Desemboque e de Araxá, também pertenciam à Província de Goiás.

9 Esta estrada é conhecida também pelos nomes de "Estrada de Goiás" e de "Estrado do Anhangüera". Ela inclui em seu trajeto a travessia pelo Rio Grande através do Porto da Espinha, pelo Rio das Abelhas (hoje das Velhas), próximo a Sant'Anna do Rio das Velhas (hoje Indianópolis) no Porto do Registro e, pelo Rio Paranaíba, próximo à atual Estrela do Sul, através do Porto Mão-de-Pau, antigo Porto Velho, seguindo para Goiás.

> *expulsão dos índios hostis. Com muito tato de colonizador, alojou os índios em 18 aldeias, ao longo da estrada de Anhangüera, a fim de protegerem as caravanas e explorarem a região. É dessa época que a região do Triângulo recebeu o nome de "Farinha pobre", devido a um fato pitoresco: os comboios que vinham de São Paulo, com destino a Goiás, guardavam os seus víveres de subsistência nas aldeias intermediárias da longa travessia, como reserva para a volta, poupando-se assim carregar peso supérfluo. Muitas vezes, porém, acontecia encontrarem deteriorados esses mantimentos, na volta da caravana; a farinha, armazenada precariamente, era a reserva que mais apodrecia. Daí que a região recebeu o nome estranho a que aludimos.10*

Os relatos dos viajantes que passaram por essa região, constituem uma importante fonte histórica para aqueles historiadores que se ocupam em escrever sobre a Região do Triângulo Mineiro. Assim sendo, um documento que oferece indícios sobre esse passado, tão pouco documentado é a obra: *Viagem à Província de Goiás*11, na qual Saint-Hilaire descreve uma região habitada, principalmente, por indígenas e mestiços. No entanto, já não eram os mesmos Caiapós de outrora. Tratava-se daqueles índios introduzidos na região pelo Coronel Antônio Pires de Campos12

A História Política da Região tem início em 1736, com o surgimento do Arraial do Tabuleiro na margem esquerda do Rio Araguari. Este arraial foi arrasado por Quilombos, sendo reconstruído a três léguas abaixo, com a denominação de Arraial do Rio das Abelhas ou Desemboque. Mais tarde, esse Arraial veio a tornar-se um Julgado.

Na região do Triângulo Mineiro existiram diversos Quilombos. A propósito vejamos o que o historiador José Mendonça diz, em sua excelente História de Uberaba, sobre os quilombos aqui coexistentes com os ferozes silvícolas, à época desses fatos:

---

10 Consuelo F. Montes NAVES e Gilma Maria RIOS, **Araguari: cem anos de dados e fatos,** p. 14.

11 Esta obra foi escrita por Auguste de Saint-Hilaire, um botânico francês, que viajou pelos sertões do Brasil na primeira metade do século XIX, descrevendo com riqueza de detalhes a sua passagem pela região do Triângulo Mineiro. Ver: August SAINT – HILAIRE, **Viagem à Província de Goiás.**

12 No caso da Aldeia de Sant'Anna do Rio das Velhas (hoje Indianópolis), "segundo reza a tradição dos Bororos, a Aldeia foi fundada pelos jesuítas e, de acordo com a mesma tradição, habitada primitivamente pelos índios do litoral. A estes Antônio Pires de Campos reuniu, como já foi dito em outro capítulo, alguns índios Carajás e Tapirapés, habitantes das margens do Araguaia, no norte da província. Essa população mista pereceu, dispersou-se ou se fundiu com os descendentes dos Bororos e, em 1775, foi substituída por um certo número de Chicriabas, nação que vivia nos sertões do Paraná e se tinha espalhado até as margens do S. Francisco, na parte setentrional de Minas." SAINT- HILAIRE, op. cit., p. 143. Ver também na mesma

> *'E relembremos aqui, com admiração e carinho, a figura do Padre Catura, que viera para o noroeste das terras de Minas Gerais, trazendo em sua companhia numeroso contigente de negros que fugiam à ignominia do cativeiro, estabelecendo-se com eles entre os Rios Misericórdia e Quebra-Anzol, fundando aí o poderoso quilombo 'Tengo-Tengo' (...)*
>
> *'(...) Além do 'Tengo- Tengo', o mais poderoso e o mais célebre, - muitos outros quilombos, como o dos 'Canalho', houve no Triângulo Mineiro, e, nas suas proximidades, cerca de 20 (vinte), de onde saiam bando de negros a impedir a passagem de viajantes e povoadores, a causar as maiores depredações e crimes atrozes. Não é conhecida a época exata da organização desses quilombos; porém, os melhores cálculos, como diz o Dr. Hidelbrando Pontes, remontam aos últimos anos do séculos XVII.'"13*

O Julgado do Desemboque, abrangia toda a área do Triângulo Mineiro e o sul goiano e pertencia, a princípio, à Capitania de Goiás. Segundo Saint-Hilaire14, foi em Agosto de 1816 que os Julgados de São Domingos do Araxá e o do Desemboque foram anexados à Província de Minas Gerais.

A História de Araguari, propriamente dita, data dos princípios do século XIX, com a demarcação das sesmarias do Serrote (hoje Fundão) e a da Pedra Preta (hoje Cunhas) por Antônio Resende da Costa ("Major do Córrego Fundo"). O mesmo tomou posse de um terreno entre as duas sesmarias, doando-o mais tarde para a Igreja, como patrimônio de um freguesia que por ali se instalou, sob a invocação do Senhor Bom Jesus da Cana Verde do Brejo Alegre ou Ventania, surgindo daí, um povoado.

Segundo dados colhidos do Livro do Tombo, escrito pelo vigário Padre Joaquim Augusto de Souza (1908), a freguesia do Brejo Alegre foi criada através da Lei Provincial n.º 1847 de 02 de abril de 1840. Ainda nesse documento, encontramos informações sobre a transferência da Paróquia do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, da aldeia de Sant'Anna do Rio das Velhas para Araguari, em 1864:

---

página a nota de rodapé n.º 09.

13 Cf. NAVES e RIOS, op. cit., p. 15.

14 SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 127.

> *A evolução e desenvolvimento urbano da Vila de Brejo Alegre, como de todas as demais da época, foi lenta, natural e assistemática: as primeiras ruas surgiram da iniciativa particular, os ranchos cobertos com folhas de babaçu foram sendo substituídos por casas de pau a pique com telhas coloniais, e só depois pelas residências de alvenaria. Apareceram os primeiros estabelecimentos comerciais, onde se vendia de tudo, alguns dos quais se tornando poderosos. Veio a escola municipal... Logo o desenvolvimento exigiu planejamento. O primeiro traço urbano foi elaborado por Achilis Wildulick, em 1895.15*

Foi pelo decreto-lei n.° 2.996, de 19 de outubro de 1882 que Brejo Alegre foi elevada à categoria de município, sendo desmembrado do município de Bagagem (Estrela do Sul). O novo município também abrangia a Freguesia de Sant'Anna do Rio das Velhas. Somente em 31 de março de 1884 que a freguesia passou a categoria de "Villa".

Depois de algumas tentativas por parte da elite política da época, em Agosto de 1888, a "Villa de Brejo Alegre" passou à categoria de cidade, através da lei n.° 3.591, de 28 de Agosto de 1888. "Na sessão de 5 de Agosto, por motivos que nos escapam, o Deputado Severino de Resende Navarro propôs uma emenda ao decreto: 'Emenda: Onde se diz – à categoria de cidade – Acrescenta-se com o nome de cidade de Araguary – e o mais como se acha redigido'"16. A emenda proposta obviamente foi aceita, tanto que a cidade recém criada recebeu a nome de Araguari.

Após esse breve histórico sobre a região e a cidade de Araguari, apresentaremos alguns dados acerca da história da educação de Araguari.

Vale a pena alertar que, ao destacarmos a educação em Araguari, não pretendemos entendê-la como realidade isolada em compartimentos estanques, pois isso, significaria uma artificialização da história. Esse desmembramento tem por objetivo estudar a educação em Araguari, para melhor compreender o objeto da nossa pesquisa que é a E.E. Raul Soares.

Como já foi dito, uma das exigências do Governo da Província para a criação do município, é que seus habitantes oferecessem à província, entre outros prédios públicos, um

15 NAVES e RIOS, op. cit., p. 17
16 NAVES e RIOS, op. cit., p. 19

prédio para a instalação de uma escola para os dois sexos. Essa foi a primeira referência sobre o ensino em Araguari, que até o momento, conseguimos localizar.

Com relação ao ensino primário, podemos observar a preocupação dos políticos locais, quando, na 3ª reunião ordinária da Câmara municipal da "Villa de Brejo Alegre", ocorrida em 18 de março de 1885, foi lido o seguinte ofício:

> *(...) sob proposta do presidente da câmara a aprovação da mesma officia-se ao Inspetor Geral de Instrução publica, pedindo-lhe para por em concurso a cadeira de instrução primária desta Villa.17*

A situação do ensino em Araguari nos fins do século XIX é a seguinte: Em agosto de 1898, a instrução primária e secundária do município foi regulamentada através da lei n.° 63.

> *Segundo consta no ofício do Cel. Olimpio F. dos Santos (1898 a 1900), dirigido ao Secretário do Interior (Wenceslau Bráz), foram criadas por esta municipalidade 12 escolas; sendo urbanas: uma de cada sexo; 2 distritais do sexo masculino e 2 do sexo feminino; 6 rurais do sexo masculino(...), foi criado na sede do município um externato secundário composto de 4 cadeiras: português, francês, inglês e latim, regidas por 2 professores(...)18*

Em Fevereiro de 1900, foi criada a cadeira de 2° grau (para o sexo feminino), regida por Camila Maria da Conceição

> *Nos primeiros anos da República, não houve criação de escola alguma em nosso município, funcionando apenas aquelas criadas no período imperial.*
>
> *Devido à escassez das escolas públicas, muitos professores ministravam aulas em suas residências, ou mesmo na casa dos alunos19.*

---

17 NAVES e RIOS, op. cit., p. 101.
18 NAVES e RIOS, op. cit., p. 101.
19 NAVES e RIOS, op. cit., p. 101.

1. 2 - O Grupo Escolar de Araguari - 1908 a 1927.

O primeiro nome da E.E. Raul Soares foi simplesmente "Grupo Escolar" e foi através do decreto n.º 7.968, de 15 de outubro de 1927 que o Grupo Escolar recebeu a denominação especial de "Raul Soares". Com a nova nomenclatura das Escolas Estaduais, ele passou a denominar E.E. Raul Soares.

Nesse tópico, descreveremos alguns aspectos do Grupo Escolar de Araguari, de 1908 a 1927, com o objetivo de abordar o objeto desde a sua criação(1908) até a construção de seu prédio próprio(1927).

Tudo indica que a primeira escola criada na república, em Araguari, foi o "Grupo Escolar de Araguari".

Ele foi criado através do decreto n.º 2.497 de 07 de novembro de 1908, assinado por Júlio Bueno Brandão e Estevão Leite de Magalhães Pinto.

> *Decreto n.º 2.297, de 17 de novembro de 1908*
>
> *Crêa o Grupo Escolar da cidade de Araguary.*
>
> *O vice-Presidente do Estado de Minas Gerais, de conformidade com o disposto no art. 22, combinado com o art. 45 do regulamento que baixou com o decreto n.º 1960, de 16 de dezembro de 1906, considerando que é necessária a diffusão do ensino publico primario, de acordo com os novos methodos adoptados, resolve, para execução do disposto no art. 4º da lei n.º 439, de 28 de setembro daquelle anno, crear o grupo escolar da cidade de Araguary.*
>
> *Palacio da Presidencia do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, 17 de novembro de 1908.*
>
> *Julio Bueno Brandão*
>
> *Estevão Leite de Magalhães Pinto.*20

---

20 O presente decreto encontra-se na diretoria da E.E. Raul Soares de Araguari, o mesmo foi publicado no Jornal Minas Gerais, em 18 de novembro de 1908. Ver: Belo Horizonte, Jornal **Minas Gerais**. N.º 274

Pelo que nos parece, nos primeiros anos da República, o ensino público vai tornando cada vez mais discutido entre as elites locais e mesmo estaduais por acreditarem que a educação constituir-se-ia numa importante fonte para o desenvolvimento de um nação.

Nesse sentido, o Governo do Estado de Minas Gerais, através do Decreto n.° 1960 de 16 de dezembro de 1906, autorizava a criar instituições públicas de ensino em cidades que comprovassem poder matricular, no mínimo quarenta e cinco crianças no primeiro ano de funcionamento e, para os distritos, o número mínimo de quarenta.

Em Araguari a notícia sobre esse novo decreto logo chegou e, em uma época onde os políticos locais mostravam-se preocupados com o desenvolvimento do município, imediatamente começaram os estudos no sentido de viabilizar o primeiro grupo escolar na cidade. Em uma reunião na Câmara Municipal, no dia 23 de maio de 1907, os vereadores resolveram procurar um prédio adequado para abrigar as instalações da nova escola, pois através desta cessão acreditavam que pudessem acelerar os despachos do governo mineiro. E foi no dia 20 de Agosto do mesmo ano que o referido órgão Municipal, através de um projeto-lei doou ao Estado um prédio para a instalação do grupo escolar.

Júlio Bueno Brandão criou várias escolas no Estado de Minas Gerais. Segundo consta, a intenção desse vice–presidente era criar, em cada cidade visitada, uma escola. No entanto, parte considerável delas não saíram do papel. Cabia às prefeituras a construção dos prédios para a implantação dos estabelecimentos de ensino. Mas os prefeitos, por sua vez, alegavam falta de recursos para a construção dos edifícios.

Em Araguari, a solução encontrada pelas autoridades locais para a materialização do Grupo Escolar, recém criado, foi a doação de um dos seus prédios, como já foi mencionado.

Ano: XVII, 18/11/1908, p. 01.

As atividades do Grupo Escolar iniciaram-se no dia 17 de abril de 1909, ou seja, cinco meses após a sua criação. Ao que nos consta, esta foi uma das primeiras escolas públicas a funcionar nesta região.(Ver anexo 1)

Sobre o primeiro prédio do Grupo Escolar, encontramos alguns artigos nos jornais da época, denunciando o descaso das autoridades para com ele. Logo nos primeiros anos (16 de dezembro de 1913), suas atividades foram interrompidas devido à queda de uma das suas janelas, que, por sorte, caíra do lado de fora do prédio, evitando dessa forma, um acidente que poderia ser fatal para as inúmeras crianças que ocupavam a sala referida. Esse acidente foi causado por um enorme formigueiro que comprometia a estrutura do Grupo. Em 1° de agosto de 1914, foram reiniciadas as aulas. No entanto, o problema da inadequação do prédio para o funcionamento de um escola, continuava, como pode ser constatado em uma correspondência ao Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais de 1918, onde o ex-diretor do Grupo Escolar, o Prof. Afonso Batista Pinheiro, fez uma descrição sobre a precariedade do prédio, pedindo a construção em caráter de urgência, de um novo edifício, pois o mesmo, além de não possuir espaço físico adequado e estrutura para reformas, ameaçava cair sobre as pessoas que ali freqüentavam. (ver anexo 2)

O ataque da imprensa local ao descaso das autoridades para com o prédio do Grupo Escolar, parece-nos que era constante. Vejamos um nota divulgada pelo Jornal Araguary, de autoria de Ricardo Paranhos:

ARAGUARY

VIII

_«De quem esta almanjarra extraordinaria,

De tão horrenda e tétrica apparência?

E' morada de alguem? E' residencia

Particular, ou é penintênciária? »

_«E' o predio, Gama, da instrucção primaria...»

_ «Que dizes?! Este kysto?! Esta excrescencia?!»

_ «Mas mesmo assim tem colossal frequencia,

Mais que a exigida, mas que a necessária !

Deste espantalho, Gama, que aterra,

Não sae certo animal que orneja ou zurra,

Quer de cangalha, quer de sella, ou carro ...

Cabeça pêrra aqui se desemperra...

Este prédio a instrução primária empurra,

Derretendo-se, embora, em lama e barro...»

Ricardo Paranhos21

No entanto, o Grupo Escolar continuou a funcionar em condições precárias até 1928 quando foram transferidas as suas atividades para o seu novo prédio. Portanto, parece-nos que foram 19 anos de dificuldades, que alunos, professores, diretores e funcionários do Grupo Escolar tiveram que enfrentar, nas tarefas de ensinar e aprender as primeiras letras a uma parcela da população de Araguari.

Mas as constantes denúncias das más condições do prédio escolar, fizeram com que os políticos locais interviessem para a construção do tão sonhado edifício novo do grupo.

---

21 Esta nota foi encontrada, no Arquivo do Prof. Abdalla Mameri. Infelizmente ainda não foi possível identificar a data e nem outros dados sobre a fonte, pois essa nota estava recortada do restante do jornal e sem nenhuma outra informação. Infelizmente, o referido professor veio a falecer no dia 28 de novembro de 1998, dificultando a localização do referido jornal, onde foi veiculado a artigo. Consultamos o Arquivo Público de Araguari e não conseguimos localizá-lo. No entanto, estamos envidando esforços no sentido de localizar a referida fonte. Acreditamos que tal nota tenha sido produzida entre os anos de 1910 e 1920, pois consta, que nessa época a população araguarina encontrava-se indignada com a situação do prédio do Grupo

Por ser uma escola estadual, parece-nos que o poder público de Araguari, via-se desobrigado de fazer as reformas necessárias. As reformas que o poder público de Araguari faziam, eram aquelas urgentes que não podiam ser adiadas, como exemplo, podemos citar a reforma do alpendre do prédio, que caiu devido a um temporal em 02 de fevereiro de 1918 (Cf. anexo 2).

No entanto, as condições do edifício, com a passar do tempo, tornavam-se cada vez mais precárias. Apesar dos constantes apelos dos diretores e políticos locais ao governo do mineiro, esse não tomara as devidas providências para construção do novo prédio.

Esse impasse foi resolvido através de um acordo firmado entre a Câmara Municipal de Araguari e o Governo do Estado de Minas Gerais. Para tanto, "a lei n.° 253, de 25 de junho de 1923 autorizou o Agente Executivo de Araguari a constituir procurador em Belo Horizonte, para assinar contrato entre a Câmara e o Estado, para empréstimo equivalente à metade da importância orçada para a construção do prédio destinado ao "Grupo Escolar".22

Em novembro de 1924, através da lei n.° 333, ficou o Agente do Executivo autorizado a cobrir as despesas necessárias para a aquisição do terreno e do que mais se fizesse necessário para a construção do novo prédio. Foi somente em fevereiro de 1925 que foi publicado o edital referente a construção do prédio do Grupo Escolar (Cf. anexo3):

EDITAES

SECRETARIA DO INTERIOR

Construcção de um predio para grupo escolar de 8ª classe na cidade de Araguary.

Por ordem do Sr. Secretario do Interior, faço publico que até o dia 5 de Março próximo futuro se recebem nesta Directoria propostas para a

---

Escolar.

22 NAVES e RIOS, op. cit., p. 102.

construcção de um prédio para o grupo escolar de 8ª classe na cidade de Araguary, orçadas em .....154.644$400.

As propostas fechadas, devidamente selladas e com as firmas reconhecidas, não poderão conter emendas, rasuras ou entrelinhas e deverão trazer:

a) o preço total por extenso e em algarismos;

b) a residência do proponente;

c) os prazos para início e a conclusão das obras;

d) declaração expressa de submissão ao regulamento de obras.

No involucro serão declarados os nomes dos proponentes e o objeto da proposta, a qual virá accompanhada de um documento que prove a idoneidade do proponente e do certificado de deposito no Thesouro do Estado ou em qualquer collectoria, da importancia de 5% do valor orçamentado, acima declarado.

O orçamento e a planta poderão ser examinados nesta Directoria, em todos os dias uteis, das 11 às 16 horas, ou na Secretária da Câmara Municipal de Araguary.

As propostas serão abertas no dia 05 de Março, às 15 horas na sala da Directoria.

Directoria da Instrucção Publica, em Belo Horizonte, 2 de fevereiro de 1.925.

Lucio José dos Santos23

A proposta enviada pelo construtor Salvino Pires venceu a concorrência e o novo edifício do Grupo Escolar foi construído nos biênios seguintes, sendo inaugurado em outubro de 1927, pelo governador do Estado, Antônio Carlos que visitava a cidade. Na mesma ocasião, este governador sancionou o decreto n.° 7.968, através do qual o "Grupo Escolar de Araguari" passou a denominar-se "Grupo Escolar Raul Soares", em homenagem ao governador anterior, que faleceu durante o seu mandato em 04 de agosto de 1924 (com o mesmo decreto criou-se o segundo Grupo Escolar de Araguari, que recebeu a denominação de "Grupo Escolar Visconde de Ouro Preto).

23 Esse edital foi publicado pelo Jornal Araguary, nos dias 15 e 22 de fevereiro de 1925.

Decreto N.º 7.968

Crêa um segundo grupo escolar na cidade de Araguary, denominando-o "Visconde de Ouro Preto", e dá ao primeiro, já installado, a denominação de "Raul Soares".

O Presidente do Estado de Minas Geraes, de accôrdo com o regulamento do ensino primário em vigôr, e tendo em vista o indice estatistico da população escolar da cidade de Araguary, resolve crear na mesma um segundo grupo escolar com a denominação de "Visconde de Ouro Preto", e dar ao primeiro, já existente, a denominação de "Raul Soares".

Palácio da Presidencia do Estado de Minas Geraes, em Araguary, 15 de outubro de1.927.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrade

Francisco Luis da Silva Campos

Todavia, apesar da inauguração do novo edifício, o Grupo Escolar Raul Soares continuou funcionando no antigo prédio, uma vez que não havia infra-estrutura adequada no novo para o recebimento dos escolares. Fica claro que a primeira inauguração do novo edifício constituiu-se mais num ato político, no sentido de promover a imagem do Governo de Estado e das autoridades políticas locais, prestigiando a visita do então governador de Minas à Araguari (Antonio Carlos), do que um ato em benefício da Escola.

A visita do então Secretário do Interior, Francisco Campos a Araguari, foi amplamente noticiada pela imprensa local, em maio de 1928. Nessa ocasião ficou autorizado, pelo mesmo, o abastecimento de água para o novo edifício, preparando-o para sua nova inauguração, ou seja, para a transferência definitiva dos estudantes para a nova sede da Escola. E, finalmente, em uma solenidade realizada no dia 05 de julho de 1928, o Grupo foi inaugurado (novamente) no novo local.

Novos dias iniciam-se para todos aqueles que faziam parte do cotidiano do grupo escolar. Mas, em que condições foi inaugurado o novo prédio? Vejamos parte de uma reportagem veiculada no Jornal Araguari, em Outubro de 1928:

> *(...) Araguary, possue um grupo escolar, installado num prédio de bôa fachada, mas cujos salões nem mesmo foram convenientemente lavados, ostentando o assoalho o rebôco como attestado que o edificio foi construido recentemente(...)*

Ainda sobre o novo prédio, a primeira reforma do "Grupo Escolar Raul Soares" foi um assunto abordado freqüentemente pelos Jornais entre os anos de 1937 a 1939. Vejamos um artigo publicado por um jornal local em 29/10/1939:

> *(...) O Grupo Escolar local vai passar por uma reforma geral e completa, serviço esse que há muito vinha constituindo uma grande necessidade. A referida reforma está a cargo do acreditado construtor Sr. José Bittar e será iniciado na semana entrante.*
>
> *Aquela casa de ensino primário, construida há bastante, não passou por nenhuma reforma. Por isso, as suas condições de conservação estão muitas aquém os requisitos indispensáveis ao seu fim. Levado pelo Sr. J. Jeovah dos Santos, digno prefeito local, esse fato ao conhecimento do honrado governador Benedicto Valladares, foi logo o chefe do executivo local autorizado pelo o governo do Estado a contratar as reformas de nossa referência.(...)*[24]

Portanto, a primeira reforma do prédio do "Grupo Escolar Raul Soares"[25], foi realizada a 12 anos após sua construção. Segundo dados colhidos através de entrevistas com ex.- alunos, o prédio conserva ainda hoje (1999) as suas principais características arquitetônicas, passando por algumas ampliações, visando atender um maior contingente de alunos.

Consta que o "Grupo Escolar" de Araguari teve as suas atividades iniciadas com a matrícula de 400 crianças, número bem maior do que o exigido pelo decreto n. 1960 de

---

24 Araguari, MG, **Gazeta do Triângulo**, ano III, n.° 139, 29/19/1939, p. 01.

25 O prédio é o mesmo onde hoje funciona a "E.E. Raul Soares", na Avenida Tiradentes n.° 137, no centro da cidade de Araguari–MG. Este prédio ainda hoje, destaca-se entre os outros prédios, pela sua beleza arquitetônica.

1906 do Governo de Minas Gerais que era de 45 crianças, funcionando nele o curso primário.

O seu primeiro diretor foi o Dr. Mário da Silva Pereira recém formado em Direito. No entanto, merece destaque, entre os primeiros diretores, a figura do educador Honório Guimarães, que foi o terceiro diretor do Grupo Escolar de Araguari, entre os anos de 1912 e 1913, pelas suas idéias no campo educacional.

Através do boletim intitulado "Município de Araguary", editado em 1934, ficamos sabendo que o Sr. Mário da Silva Pereira foi indicado pelo Governador do Estado, Olegário Maciel, para governar Araguari, na qualidade de "Interventor Municipal". É interessante lembrar que Olegário Maciel foi o único governador mantido no poder por Getúlio Vargas, após o seu golpe de estado, por ter dado incondicional apoio ao ditador.

O governo de Mário da Silva Pereira foi de 10 de dezembro de 1930 até 30 de abril de 1933.(...) "Mário da Silva Pereira era advogado na cidade, mas atendia a toda região circunvizinha. Morava no local onde atualmente se chama "Chácara Sinhazinha"26. Tudo indica que o primeiro diretor do Grupo Escolar de Araguari, visava, com o seu cargo, nada mais do que projeção social para investir em sua carreira política e profissional.

A primeira turma, diplomou-se pelo Grupo Escolar em 1911.

Com relação aos primeiros anos do Grupo Escolar, é importante mencionarmos que

> *em 1910, foi encaminhado ao governo estadual, um pedido para o curso noturno nesta cidade, documento assinado por 5 pessoas, e encaminhado pelo diretor do 'Grupo Escolar', o Sr. Mário Pereira27.*

O Grupo Escolar Raul Soares constitui por vários anos a única escola pública mantida pelo Estado em Araguari, e a partir da instalação de dois Colégios particulares em Araguari, um destinado a educação das meninas (o Colégio Sagrado Coração de Jesus) e o outro destinado a educação dos meninos (o Colégio Regina Pacis), o Grupo passou a

26 NAVES e RIOS, op. cit., p. 33.

clientela do Grupo passou a atender uma clientela, onde havia a predominância de crianças das classes sociais menos favorecidas. Vejamos o depoimento de uma das ex-diretoras da escola:

> *_ O Grupo Raul Soares, a princípio, era uma escola onde predominavam alunos de baixa renda. Até que um dia, um Juiz de Direito recém-chegado de Belo Horizonte, me procurou e disse: - Quero matricular o meu filho aqui. - Então eu lhe respondi: - O senhor quer matricular o seu filho aqui? E ele respondeu que sim. A partir daí, outras famílias ricas matricularam os seus filhos no Grupo. Até hoje, muitas famílias importantes mantém os seus filhos lá. E então, o público que o Grupo passou a atender ficou bastante variado.*28

Sobre o ensino ministrado na escola era apenas o ensino primário, sendo que nos anos 1970, passou a ser ministrado o ensino do primeiro grau, hoje ensino fundamental (de 1ª a 8ª séries), e atualmente funciona naquela escola o ensino fundamental e médio.

1.3. Grupo Escolar Raul Soares: uma escola de ensino público

O Grupo Escolar Raul Soares, desde de sua criação foi uma escola pública29 . Entendemos aqui por escola pública, aquela onde é ministrado o ensino público. Quando falamos em ensino público, devemos considerar dois aspectos: a popularização do ensino, que significa, a entrada de grande contigente de crianças ou adultos nas escolas e o ensino mantido pelo Estado.

---

27 Ibidem, p. 102.

28 Depoimento retirado de uma entrevista realizada com a ex-diretora Maria de Lima Alessi. Todas as entrevistas aqui utilizada como fonte para a pesquisa esta a disposição aos interessados no Núcleo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação – UFU-MG.

29 Várias escolas estaduais em Araguari, pertenciam à iniciativa privada, por exemplo: a Escola Estadual Padre Damião, que era a princípio um colégio mantido pela Igreja Católica, hoje tornou-se uma

Para uma melhor compreensão sobre o ensino público, abordaremos alguns aspectos sobre a retomada da luta pela escola pública, leiga e universal.

Podemos afirmar que a educação escolar pública desenvolveu-se propriamente nos séculos XVIII e XIX, tendo suas raízes em dois séculos anteriores, em países de origem européia e protestante. Neste sentido, podemos apontar como as primeiras realizações em matéria de ensino público (ainda que em forma embrionária), a atitude das autoridades religiosas apelando às civis, conseguindo respostas em forma de abertura de escolas, sendo mantidas com recursos públicos. No entanto, essas escolas deveriam atender a todos, mas com objetivos essencialmente religiosos e éticos. Assim, a função da educação pública estaria vinculada aos fins religiosos.

O Estado é desafiado a tornar viável, a educação escolarizada, a todo ser humano na pessoa de "cristão". No século XVI, há uma predominância quase exclusiva, do ensino religioso, tendo em Lutero e Melanchthon os seus principais representantes. Nessa época, o ensino escolar tem uma ação local e municipal com relação ao poder público, havendo uma maior preocupação com o secundário, embora o elementar também receba atenção.

O século XVII é considerado como um segundo momento da fase da "educação pública religiosa". É neste momento que o Estado acentua a sua ação e atende com maior eficácia o ensino elementar.

Foi no século XVIII que se desenvolveu uma nova forma de educação estatal, que tinha como objetivo a formação do cidadão na pessoa do súdito das Monarquias Ilustradas. É nesta época que encontramos uma sistematização do pensamento em defesa e implantação de uma educação popular. Porém, para as camadas mais populares, a educação restringia-se ao ensino elementar. Nessa época, a educação é dirigida à emergente classe dos burgueses e orientada pela realização de seus interesses de classe. É também nessa época que ocorre o

---

escola pública, ou seja, pertence à Rede Estadual de Ensino.

processo de secularização da Educação, provocando o embate decisivo entre o Estado burguês e a Igreja Católica.

Após a Revolução Francesa, dá-se início a uma outra fase no processo de desenvolvimento da educação pública, que alguns autores chamam de nacional. Trata-se de uma educação dirigida ao cidadão, para si e para a nação, e aí que surge o conceito de nação no bojo da necessidade da classe burguesa convencer uma base social mais ampla, de que seus interesses de classe representavam o interesse de todas as classes, ou seja, de toda a nação. É onde surge uma educação que pretendia ser uniforme e atender a todos: a educação nacional.

O embate em torno da Educação Nacional no Brasil data dos fins do século XIX e das primeiras décadas do século XX:

> *A expressão 'educação nacional' só aparece pela primeira vez, no vocabulário político brasileiro em 1878, conforme uma publicação da época.30*

A partir de então, duas concepções de educação marcaram o embate teórico em torno do ensino público: a concepção dos educadores cristãos e dos que defendiam o ensino leigo.

As escolas católicas representavam uma concepção de mundo vinculada a uma sociedade, onde a aristocracia era a classe fundamental. À medida que a classe burguesa foi-se consolidando, o Ensino Cristão foi-se tornando cada vez mais conservador.

Com a constituição e consolidação da sociedade burguesa, a escola deixa de ser prioritariamente particular, religiosa e restrita, para tornar-se pública, leiga e universal. Essa escola torna-se um importante meio de divulgação e consolidação da Ideologia Burguesa, tanto assim que Louis Althusser, afirma:

---

30 Wenceslau GONÇALVES NETO e outros. **História e memória educacional: a construção de uma História das Instituições Educacionais Brasileiras**. Universidade Federal de Uberlândia, p-06 (mimeo).

> *(...) nenhum Aparelho Ideológico de Estado dispõe durante tanto tempo(da idade pré-primária até por volta dos 16 anos) da audiência obrigatória(e ainda por cima gratuita ...), 5 a 6 dias em 7 que tem a semana, à razão de 8 horas por dias, da totalidade das crianças da formação social capitalista'*.31

Althusser caracteriza a escola como um AIE (aparelho ideológico do estado), localizado na interseção da infra-estrutura e dos aparelhos repressivos e ideológicos do Estado, preenchendo a função básica de reprodução das relações materiais e sociais de produção.32

É importante destacarmos o papel do Estado Burguês, que adquire novas funções, assumindo, ao mesmo tempo o papel de repressor e de educador, como afirma Gramsci.

Ele um novo conceito de Estado, subdividindo-o para a análise: em sociedade política, constituída pelo poder repressivo da classe dominante (governo, tribunal, as forças armadas, a polícia, etc.) e em sociedade civil, constituída pelas associações ditas privadas (igreja, sindicatos, clubes, meio de comunicações em massa, escola). Nesse sentido, a escola ao lado das outras instituições da sociedade civil, tem por finalidade promover uma nova ordem intelectual e moral que consolide a hegemonia burguesa.

---

31 Louis ALTHUSSER, **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**, p. 66.
32 Cf. Bárbara FREITAG, **Escola, Estado & Sociedade**, p. 17.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, DISCIPLINA E NACIONALISMO NA ESCOLA

2.1. O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para Chartier "a palavra 'representação' atesta duas famílias de sentidos aparentemente contraditórios: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro lado, é a apresentação pública de uma coisa ou pessoa."33

O que denominamos representações sociais são imagens institucionalizadas pelas quais uma dada comunidade percebe alguma coisa ou pessoa.

Para Chartier o conceito de representação permite ao historiador

> *articular três modalidades da representação com o mundo social:*
>
> *trabalho de delimitação e classificação das múltiplas configurações intelectuais, 'através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos';*
>
> *As práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição;*
>
> *As 'formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência de um grupo, da classe ou da comunidade'34*

Para Moscovici

> *A representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos ... / As representações/ possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta. Assim, uma representação social é, alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado.35*

Isto implica em dizer que

---

33 Roger CHARTIER, "O mundo como representação", pp. 171-191.
34 Ronaldo VAINFAS, "Da História das mentalidades à História Cultural", p. 137.
35 S. MOSCOVICI, **A representação social da psicanálise**, pp. 26-7.

> *O fenômeno de percepção é fundamental para a compreensão da dimensão das representações sociais constituindo uma mão de via dupla entre o real/sociedade e o simbólico/representacional. As representações sociais, deste modo, têm uma influência decisiva no processo de percepção, que por sua vez vai gerar novas representações, e assim por diante. Temos então uma articulação plena entre o fenômeno da percepção e a formulação de conceitos, e vice-versa, em que todas as etapas se articulam continua e dialeticamente. Tais relações podem ser encontradas na observação do real e na divulgação desta observação, o que, por sua vez, penetra no "mundo do discurso" reconstruindo o real e assim concomitantemente.36*

Sabemos que a sociedade é constituída por diferentes classes sociais e que as representações construídas por essas não são homogêneas e podem ser até mesmo antagônicas; no entanto, na sociedade capitalista, a hegemonia da classe burguesa pressupõe a construção de um discurso onde as idéias e os anseios da classe dominante tornam-se universais.

Apropriando-se dos discursos baseados na racionalidade37, e legitimado pelo Estado Burguês, cria-se representações que podem ser as bases para a legitimação da dominação burguesa. Tais representações quase sempre assumem o estatuto de verdadeiras, forjando, dessa forma, uma dada realidade. Então o que deveria ser uma representação (no sentido de apresentar ou substituir o real) torna-se em nível de discurso **o real**.

Uma das representações sociais construídas pela Classe Burguesa é o conceito de povo. O povo tornou-se um categoria bastante utilizada pela burguesia no sentido de viabilizar a universalização de seus anseios de classe. Assim, no discurso burguês, existe a apropriação da categoria povo para tornar universal os seus anseios de classe.

As representações são construídas, mas também reformuladas no processo produção-consumo. Ao criar uma representação o produtor formula um conjunto de imagens sobre uma determinada coisa ou pessoa. No entanto, essa imagem é (re) interpretada de

---

36 André Porto Ancona LOPES. Organização de Arquivos de documentos imagéticos. , pp. 286-287.

37 Na Idade Média boa parte dos discursos que legitimavam a dominação da Igreja Católica eram discursos religiosos. Esses baseava na crença do sobrenatural, colocava a Igreja como a herdeira e a representante de Cristo na terra, isto é imposto sociedade da época. Desta forma, cria-se através um

acordo com a sensibilidade do consumidor. Vale a pena lembrarmos que os sentidos são construídos culturalmente, isto implica em afirmar que o processo de apropriação da representação pelo consumidor também é um processo histórico-social.

Assim, as representações são dinâmicas e variam de acordo com a sensibilidade do consumidor que é determinada pela sociedade onde está inserido. Isto não significa afirmar que todos os indivíduos de mesma sociedade identificar-se-ão com as representações que se faz de algo, mas que através de um discurso competente é possível sensibilizar com maior eficácia uma determinada representação.

2.2. DISCIPLINA NA ESCOLA

No livro *Vigiar e Punir*, Foucault enfoca as Instituições Penais, descrevendo os suplícios e o isolamento como a punição que caracteriza o século XVII e XVIII. No século XIX, os suplícios são substituídos por uma outra forma de poder baseado em uma nova tecnologia, que atua sobre os corpos em relação ao espaço e ao tempo, tornando-os dóceis e úteis. A essa tecnologia Foucault denominou **Disciplina**.

Para Foucault as **disciplinas** são: "métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade".38

Neste sentido, podemos entender as **disciplinas**, como técnicas que visam o controle minucioso sobre os indivíduos, tornando os seus corpos dóceis e úteis, estabelecendo uma relação de poder baseado na interação entre as técnicas de vigilância e as sanções. A disciplina cria indivíduos padrões ao mesmo tempo que introduz uma gradação das diferenças individuais, determinando os desvios em relação ao indivíduo padrão.

---

discurso uma representação coletiva da Igreja Católica na Idade Média.

A **disciplina**, torna-se objeto de estudo, surgindo novos saberes que têm por objetivo o adestramento e a vigilância sobre os indivíduos, que através de práticas aparentemente sutis, submete-os a uma nova forma de dominação, onde, a razão atua como o instrumento normalizador. Neste sentido, estuda-se atenciosamente o corpo: os movimentos, em função do espaço e do tempo, adestrando-os e estabelecendo uma constante vigilância sobre os mesmos.

À medida que se desenvolvem as técnicas punitivas, desenvolvem também o processo de vigilância. Como exemplo, citaremos as modificações ocorridas nas prisões: se antes os presos eram depositados nos calabouços ou nas masmorras, a partir do século XIX, são construídas prisões onde o sistema de vigilância e de adestramento dos presos são aprimorados. Com relação à vigilância podemos observar que a arquitetura das prisões passam a ser planejadas de uma certa forma que seja possível aos guardas observar os presos sem que esses saibam se estão ou não sendo observados. A essa tecnologia deu-se o nome de Panoptismo.

O Panoptismo, a princípio foi desenvolvido para as prisões, mas com o tempo atingiu outras instituições como os hospitais, as fábricas, e as escolas. Obviamente adaptados às necessidades e finalidades de cada instituição.

É evidente que o princípio do Panóptico, desenvolvido por Bentham39 para a construção de prisões, com o tempo chegou a outras instituições, como já dito, entre elas a escola. Evidentemente, as técnicas deste princípio foram adaptadas de acordo com a finalidade dessas Instituições.

Analisaremos aqui aspectos do prédio do Grupo Escolar Raul Soares que poderiam assumir função disciplinadora. O primeiro aspecto a ser analisado será a disposição da direção em relação às salas de aulas, as entradas, e os pátios destinados aos recreios. A sala da direção localizava-se em um ponto estratégico do prédio escolar. Ela fica no centro

39. Michel FOUCAULT. Vigiar e Punir, p. 126.

do prédio, entre as duas entradas da escola e de frente para os seus dois pátios. Dessa forma, facilitava a circulação da diretora e seus auxiliares pelas salas, observando os acontecimentos nos pátios, fiscalizando a entrada e saída de alunos, professores, funcionários e visitantes.

O acesso ao interior da escola dava-se por duas entradas. Uma destinada a alunos do sexo masculino e a outra destinada a alunos do sexo feminino. Existem dois pátios no interior da escola. Naquela época, um dos pátios destinava-se ao recreio dos meninos e o outro ao recreio das meninas. Dessa forma, o único contato que os alunos de sexo diferente tinham eram na sala de aula sob o olhar atento do mestre. Assim, o prédio foi construído a partir de um modelo, onde o administrador (diretora) pudesse exercer o seu poder de mando sobre os demais utilizando-se das normas quanto à utilização dos espaços escolares.

A escola aqui citada, atendia desde o início de suas atividades alunos de ambos os sexos. No entanto, o controle e a instrução era diferenciada. Como já foi dito, era somente nas salas de aulas, sob a rigorosa vigilância das professoras, que meninos e meninas ocupavam os mesmos espaços. O recreio era realizado em horário e local diferenciados. Todo esse controle visava preparar as crianças para a vida familiar, onde o sexo somente é permitido no quarto dos pais, com função unicamente reprodutiva.

O discurso sobre o sexo na escola era considerado uma transgressão às normas sociais estabelecidas e aceitas pelos professores, pais e alunos. Assim, ao mesmo tempo que se reprime a sexualidade, estabelecendo um mutismo sobre o sexo, também se desenvolve todo um saber que é aplicado nas escola sobre formas de normas de conduta, na organização do espaço físico e sobretudo na repressão sexual.

Na obra, *História da Sexualidade*, Foucault, procurando mostrar a História da Repressão Sexual no Ocidente, observa um discurso repressivo sobre o sexo, que ao mesmo tempo que o condena ao mutismo, desenvolve todo um saber visando a sua repressão. Com

---

39 Cf. Michael FOUCAULT. op. cit., p. 177.

exceção das casas de prostituição e da casa de saúde, nos outros lugares, "o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo".40

Esse tríplice decreto é observado na educação da criança41, quando o assunto é o sexo. A família é instruída a reprimir a sexualidade. Qualquer assunto referente a sexo é condenado ao mutismo. Na escola, existe uma continuidade da repressão provinda do lar, no que diz respeito ao sexo. Vejamos um trecho da referida obra de Foucault onde, ao analisar os discursos referentes ao sexo na sociedade burguesa, diz:

> *As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-las, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado.42*

Através de depoimentos dos ex-alunos do Grupo aqui pesquisado, a afirmação de Foucault pode ser facilmente confirmada; observamos um conjunto de regras que visam separar crianças de sexos diferentes. Mas, se as crianças são assexuadas, porque meninas e meninos não podiam ocupar os mesmos espaços na escola, sem que existisse um rigoroso sistema de vigilância?

Na escola pesquisada: Por que existiam dois pátios internos destinados às atividades recreativas dos alunos? Por que um dos pátios era destinado às meninas, enquanto o outro, aos meninos? Por que os recreios eram separados, em horários diferentes, e sob o olhar atento de duas professoras que revezavam-se durante os dias da semana? Por que existia no prédio duas entradas que eram destinadas aos alunos, uma era a entrada dos meninos e a outra a entrada das meninas? Por que os alunos(as) entravam na escola e na sala de aulas em filas separadas por sexo? Por que tudo isso, se crianças são consideradas assexuadas?

---

40 Cf. Michel FOUCAULT. **História da Sexualidade**, vol-1, p. 10.

41 Sabemos que a educação da criança é determinada pelo contexto histórico-social em que esta vivencia a criança. Neste sentido, observamos que a repressão sexual das crianças também é determinado pelo contexto histórico-social da mesma. Aqui estaremos referindo a sociedade de Araguari entre 1930 a 1960, no entanto, observamos que em períodos anteriores e posteriores a este também tenha existido a repressão sexual, mas de que forma diferente.

42 Michael FOUCAULT. História da Sexualidade, vol.1, p. 10.

Observamos que existia uma maior vigilância sobre as meninas do que sobre os meninos. Vejamos um trecho da entrevista realizada com uma ex-aluna da Escola:

> *Nós íamos aos pequeniques nos dias de folga, que eram na quinta-feira. A professora ficava com as meninas e os meninos ficavam livres. Podiam sair, entrar no mato, caçar passarinhos. As meninas ficavam fazendo almoço e quando chegavam, elas serviam almoço para eles e tomavam o almoço juntos. Mas era tudo junto da professora, não haviam momentos de encontro pessoal com os meninos, isto não tinha não.*

As relações sociais estabelecidas na escola refletiam a sociedade onde estava inserida. Neste sentido, as meninas eram preparadas para aceitar as regras provindas da sociedade e reproduzidas na escola. Podemos observar, que a Escola aqui estudada, procurava introduzir nas meninas uma instrução formadora de donas de casas, determinando através do ensino43 o papel da mulher na sociedade. Neste sentido, a menina é instruída a ser submissa, dócil e fiel aos preceitos daquela sociedade.

A menina deveria manter-se sempre atenta observando as normas da boa conduta, ser religiosa, aprender artes manuais (artesanatos) tudo voltado para o lar. O papel destinado às meninas era o de mãe e de esposa.44

A seguir, pretendemos distinguir as práticas disciplinares entre: aquelas provindas da autoridade das práticas disciplinares autoritárias.

O exercício da disciplina pressupõe uma relação de dominação onde o agente ativo é uma autoridade e o agente passivo é um subordinado. Paulo Freire em uma entrevista publicada no livro: *Disciplina na Escola*, faz uma distinção entre autoridade e autoritarismo. Para ele a autoridade, assim como a disciplina são necessárias tanto quanto a liberdade:

---

43 Aqui devemos entender a educação como um fenômeno social que ultrapassa os muros das escolas, nesse sentidos outras instituições contribuiam para a educação das meninas. Entre elas duas instituições devem ser destacada a Família e a Igreja.

44 É verdade que algumas ex-alunas conseguiram exercer uma carreira profissional, mas a grande maioria à tornou-se dona de casa.

> *(...) Eu acho que a disciplina é uma tarefa da autoridade, é trabalhar no sentido da liberdade assumir a disciplina como necessidade e boniteza. Para isso a autoridade tem que ser séria, coerente, não pode ser manhosa, nem safada, a liberdade precisa encontrar uma razão de ser crença na palavra e no testemunho da autoridade.*[45]

A autoridade pode ser entendida como uma relação social de mando consciente, ou seja, o subordinado sabe o porque está realizando aquela ação. Assim sendo, não basta dar as ordens, é necessários explicá-las. O autoritarismo, ao contrário da autoridade, exerce o seu poder de mando sem explicar as ordens. Cabe aos subordinados o exercício passivo, sem questionamento das ordens recebidas. A ação resultante dessa forma de relação é o adestramento, transformando os subordinados em autômatos.

Na escola, podemos analisar o autoritarismo em duas perspectivas: a primeira o autoritarismo provindo das portarias e leis do Estado. Esse tipo de autoritarismo, chamaremos de Autoritarismo do Estado. A segunda perspectiva de análise do autoritarismo é aquele provindo das normas estabelecidas na própria escola tais como: regulamentos, técnicas disciplinares visando o domínio e controle dos alunos, dos professores e funcionários.

Na primeira perspectiva de análise é fácil observarmos as normas por estarem explicitas em documentos escritos. Na segunda, as normas nem sempre estarão explícitas. É o que acontece com as normas provindas da moral e dos costumes. Essas normas passam a ser aceitas pela comunidade.

45 D'Antola (org.), **Disciplina na escola**: autoridade versus autoritarismo, p. 4.

2.3. - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS DISCIPLINAS

Para que exista uma representação social é necessário que haja um objeto a ser representado, um produtor da representação, que pode ser um indivíduo ou mesmo um determinado grupo de indivíduos; e um consumidor das representações, que pode ser um grupo pequeno de uma dada sociedade ou mesmo toda uma sociedade.

Outra condição para a existência e a manutenção das representações é o poder de convencimento que as imagens e os discursos produzidos representam sobre um determinado objeto ou coisa. A esse poder de convencimento do produtor em relação ao consumidor chamaremos de persuasão.

No entanto, nem sempre é através do convencimento ou da persuasão que as representações sociais são construídas ou apropriadas pelos consumidores.

Certas representações sociais, são impostas pelas autoridades (pais, sacerdotes, professores, governo e outros) através do poder de mando, que aliada a disciplinarização do indivíduo cria imagens e discursos sobre um determinado objeto.

Neste sentido, podemos diferenciar dois tipos de representações: uma imposta pelo discurso competente ou pela persuasão e outra imposta através da disciplinarização dos consumidores.

2.4. REPRESENTAÇÃO DO NACIONALISMO NA ESCOLA

Podemos analisar o significado da escola na sociedade capitalista, através de diversas abordagens, aqui analisaremos sob o ponto de vista da representação.

Chartier, ao analisar as formas de teatralização da vida social no Antigo Regime, diz que as coisas ali representadas não tem existências próprias a não ser na imagem do que

exibe, e que "a representação mascara ao invés de pintar adequadamente o que é seu referente"46. Por exemplo, a escola na sociedade capitalista tornou-se um palco para diversos tipos de representação, onde, ao reproduzir os valores da burguesia, contribuiu para mascarar uma sociedade antagônica como se fosse uma sociedade harmônica.

Uma representação construída pelo Estado Burguês, e que foi bastante difundida na escola, foi o conceito de nação. Podemos analisar a nação enquanto representação social se percebermos que esse conceito foi construído historicamente por um determinado grupo, abrangendo toda a sociedade e que através de valores forjados pelo grupo produtor desta representação, cria-se uma imagem para o grupo consumidor. Para a aceitação desta representação, enquanto realidade, cria-se um conjunto de idéias e práticas no sentido de convencer grupos divergentes que tal representação é uma realidade. No nível do discurso o que era uma representação torna-se **o real**.

As idéias e práticas visando legitimar o conceito de nação, contribuindo para a dominação burguesa, são chamadas de nacionalismo.

As primeiras manifestações nacionalistas, de maneira sistematizada e influenciadora no campo educacional aparece nos anos de 1920, através de uma divulgação expressiva nos livros didáticos com conteúdos que ressaltava o patriotismo, nos conteúdos de moral e civismo. Essas obras pretendiam oferecer à criança e ao adolescente uma imagem sentimentalista do País.

A primeira instituição criada com o objetivo de difundir e colocar em práticas as idéias nacionalistas, foi a Liga de Defesa Nacional, fundada em 7 de Setembro de 1916. Tinha como objetivo: congregar os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes, esse objetivo geral é desdobrado num conjunto de objetivos particulares, tais como: manter a idéia de coesão e integridade nacional; defender o trabalho nacional; difundir a instrução militar nas diversas instituições; desenvolver o civismo, o culto do heroísmo;

46 CHARTIER, op. cit., p. 187.

fundar associações de escoteiros, linhas de tiros e batalhões patrióticos, avivar o estudo da história do Brasil e das tradições brasileiras, promover o ensino da Língua Pátria nas escolas estrangeiras existentes no Brasil; propagar a educação popular e profissional; difundir nas escolas o amor à justiça e o culto do patriotismo; combate ao analfabetismo.

Dois fatores podem ser considerados como "molas propulsoras", de tal liga: a situação criado com as colônias de imigrantes, em especial no sul do País e a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Segundo as idéias difundidas pelos membros da Liga de Defesa Nacional, se o estrangeirismo não fosse combatido a Língua Pátria, os costumes e as tradições nacionais acabariam desaparecendo e a solução para tal problema seria o serviço militar generalizado.

Outras instituições com objetivos parecidos vieram juntar-se à Liga de Defesa Nacional, entre estas destacam-se as Ligas Nacionalistas, que além dos objetivos gerais da Liga de Defesa Nacional, acrescentam-lhe outros menos gerais, como: o combate às abstenções e fraudes eleitorais, que a partir de então constituiria uma nova dimensão do nacionalismo. Assim, os nacionalistas nas suas duas mais expressivas instituições, dividiam-se em duas orientações: uma a da Liga de Defesa Nacional, que confundia o nacionalismo com o serviço militar em sua forma mais expressiva e que para justificá-lo criou um inimigo externo: o perigo de uma invasão estrangeira. A outra, provinda das Ligas Nacionalistas, que com o seu nacionalismo político, que entre outras orientações, concentrava-se na instrução como forma de democratização do País, pois, somente ao alfabetizado era concedido o direito do voto. Assim, a alfabetização proposta pelos nacionalistas não se em constituiam meras reivindicações humanísticas, mas em reivindicações políticas.

Outra orientação de cunho nacionalista é a que girava em torno da *Revista Brazilea*. Podemos destacar nesta orientação alguns pontos que se contrapõem às orientações nacionalistas anteriores como: manter a religião católica, libertar o meio intelectual da

ficção dos valores portugueses, nacionalizar o comércio e a imprensa lusitanos, valorizar o mestiço; além desses, crítica à hegemonia paulista e luta pela defesa da civilização agrária. O grupo desta orientação fundou a Propaganda Nativista. Em 1920, é fundada a Ação Social Nacionalista, que tem como principais preocupações a emancipação do Brasil dos valores estrangeiros, a valorização de tudo o que fosse brasileiro, a propaganda do civismo e a congregação de todos os brasileiros natos.

As informações supracitadas permitem-nos observar a forma como se organizaram as idéias em torno do Nacionalismo, formando todo um arcabouço que deu sustentação a uma Ideologia (o Nacionalismo), a qual, por sua vez criou representações sobre a nação que foram impostas com o objetivo de substituir uma dada realidade. Tais representações do nacionalismo vão mudando de acordo com as instituições que vão surgindo em torno de seu temário, adaptando-as aos propósitos das elites nacionais.

AS REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS NO GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES

3.1. A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA NA CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO NACIONALISTA NO GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES

Com o advento da república (1889), houve uma separação entre o Estado e a Igreja, o que foi oficializado por decreto em janeiro de 1890 e confirmado na constituição de 1891. Nessa mesma constituição foi introduzido o ensino leigo nas escolas públicas. A Igreja, a princípio, aceitou o novo regime, por permitir maior liberdade para a reestruturação dos seus quadros e estreitar as suas relações com Roma:

> *Se a república foi aceita, o mesmo não acontece com o clima laicista do qual a mesma foi proclamada.*[47]

A partir de então, acontece um embate político-ideológico, no campo educacional, entre a Igreja e os defensores do liberalismo do Estado. No âmbito nacional, a defesa da Igreja Católica para a implementação do ensino religioso na escola, é justificada pela mesma, sob o argumento que a maioria dos brasileiros eram católicos e que, portanto, o Brasil é um nação Católica, ao passo que o Estado é leigo. Essa idéia é reforçada em 1916 com a publicação da Carta Pastoral de D. Sebastião Leme, no momento em que se torna arcebispo de Olinda.

A reação dos Católicos quanto aos argumentos acima levantados teve como principais conseqüências: o lançamento da Revista "*A ORDEM*" (1921) e da criação do Centro Dom Vital (1922). Será principalmente através do Centro Dom Vital que a Igreja

47 Carlos R. J. CURY. Ideologia e educação brasileira, p. 14.

Católica lançará a sua campanha no sentido de incluir nas reformas constitucionais, garantidas pelo Governo de Bernardo Guimarães, o ensino religioso nas escolas públicas:

> *Apesar da campanha desencadeada nas páginas de A Ordem e do apoio de alguns deputados, entre os quais Francisco Campo, as emendas católicas sofreram oposição do Presidente Bernardes e foram rejeitadas.*[48]

No entanto, tais campanhas não deixaram de ter as suas vitórias parciais.

No Estado de Minas Gerais, o governador Antônio Carlos autorizou a introdução do ensino religioso no horário escolar de todas as escolas dependentes do Governo do Estado; convertendo essa autorização em lei, em outubro de 1929.

Foi nesta época, que foi introduzido o ensino religioso no Grupo Escolar Raul Soares. Vejamos o depoimento de uma ex-aluna que estudou no mesmo entre os anos de 1927 a 1929

> *Uma das coisas importantes que lembro do meu tempo de estudante no Grupo Escolar Raul Soares, foi a implantação do ensino religioso. O Bispo de Uberaba implantou e o mesmo foi ministrado pelo Padre Eloi. Lá eram rezadas missas e muitas as crianças fizeram ali a sua primeira comunhão.*

Se nos anos de 1920, a principal bandeira de luta defendida pela Igreja Católica é contra o ensino leigo nas escolas públicas, nos anos de 1930, a sua principal luta será contra o avanço das ~~idéias comunistas~~:

> *(...) na medida em que o Estado laico se aproxima do fim, o aprofundamento da questão social, o crescimento e a radicalização da pequena burguesia e do operariado farão com que o comunismo apareça no horizonte da Igreja como o novo adversário.*[49]

---

48 José Silverio BAIA HORTA, O Hino, o Sermão e a Ordem do Dia, p. 95.
49 Ibidem, p. 96.

Ao assumir o ensino religioso no Grupo Escolar Raul Soares, a Igreja assume também a formação moral dos educandos. Os valores morais são assimilado por eles através de idéias e imagens que criam uma representação das instituições.

Uma das instituições que se torna o "locus" da atenção da Igreja é a família ou melhor a família cristã. A família, enquanto instituição, torna-se o local privilegiado para a implantação dos valores e da moral cristã. É aí que se iniciava todo um processo visando a aceitação das representações criadas pela Igreja como se fosse **o real**. A Igreja, ao colocar-se como detentora da verdade e representante de Deus na terra, procura através das representações do sagrado incutir valores que contribuam para consolidar um processo de disciplinarização da sociedade. O primeiro compromisso que o pai tem com a Igreja é o batismo do filho recém-nascido. O batismo representa um compromisso da criança com a Igreja, cabendo à família o compromisso de " instruir" a criança dentro da doutrina cristã. É na família que a criança aprende as primeiras noções dos valores cristãos que mais tarde será reforçada pela escola.

A família, também aparece como modelo para a criança e os valores como a aceitação da autoridade, temor a Deus (e por conseqüência à Igreja) e o respeito pelo sagrado é cultuado e imposto para a criança já nos primeiros anos de vida. A primeira autoridade que a criança reconhecerá é a autoridades dos pais. Vale lembrar que esses valores no período que nos propusemos analisar eram significativos.

Os pais, depois de conseguir impor a sua autoridade, passam a instruir os filhos a acatar as determinações provindas de outras autoridades (pessoas mais velhas, professores, padres, e autoridade política), iniciando dessa forma um processo disciplinar que será a base para a aceitação das representações autoritárias na escola e por extensão na própria sociedade. A Igreja passa a defender os valores de um tipo específico de família. Esse tipo é o único que a Igreja reconhece como legítimo, estamos mencionando a Família Cristã.

Podemos apontar algumas características da Família Cristã como: a predominância da autoridade paterna e da divisão das funções entre pai e mãe; a subordinação da família aos preceitos da Igreja e o reconhecimento da Igreja como representante de Deus.

O interesse da Igreja pela Educação no Brasil é antigo e pode ser notado desde a época de seu descobrimento. Mas, foi a partir dos anos de 1930 que a Igreja assume uma posição ao lado do Estado visando criar representações sociais contra outras formas de governo que poderiam aflorar no Brasil.

Para eles (Estado e Igreja), o ensino religioso era fundamental para a recuperação de valores que haviam se perdido no país. Esses valores são: a religião, a pátria e a família. Foi principalmente através desses argumentos que Francisco Campos convenceu Getúlio Vargas a acatar as reinvidições dos católicos em troca do apoio dos católicos a Vargas. Tais valores

> *Eram os mesmos valores que serviam de bandeira para vários sistemas políticos totalitários da época, e que, no Brasil eram constantemente invocados nos discursos anticomunistas, principalmente a partir de novembro de 1935.*50

Getúlio Vargas defenderá, a partir de 1935, que

> *A idéia de que esses valores eram uma tarefa urgente a ser realizado pelo governo ' no sentido de garantir a ordem e a estabilidade das instituições'.*
>
> *Vargas insiste sobre a necessidade de 'recompor e estruturar solidamente os princípios básicos da nacionalidade'. 51*

Verificamos, que no Grupo Escolar Raul Soares, os valores acima mencionados já eram cultivados, principalmente a partir da implantação do ensino religioso naquela Escola. Desta forma, podemos observar, através de depoimentos, que os valores cristãos como: a família, a pátria e o Estado, esses valores criados pela Igreja e pelo Estado e apropriados

50 José Silvério BAHIA HORTA, O hino, o sermão, e a ordem do dia, p. 107.

na escola pelos alunos, foram responsáveis pela frutificação da representação sobre a Nação e sobre o comunismo.

Confunde, desta forma, o conceito de nação enquanto unidade do povo brasileiro, com um conceito de nação cristã, criando, mecanismos e imagens, que revelam ao educando uma nação, onde todos são livres mas deve-se respeitar a religião, a família e o Estado burguês, como a única possibilidade do país desenvolver-se, criando riquezas e por conseguinte melhorando as condições de vida do povo.

Ao lado dessa representação da nação, criada sobretudo através da imposição dos valores burgueses, cria-se uma representação do comunismo em oposição ao nacional. Desta maneira, a partir dos anos de 1930 o comunismo será tratado pelo Igreja como uma doutrina que ameaça a Família Cristã; a Religião e o Estado (representado por Vargas). Utilizando-se dos valores da Igreja, concluirá essa representação do comunismo que este é, antes de tudo, anti-nacional.

No grupo aqui pesquisado os valores da religião são reforçados, não apenas pelo ensino religioso, como também por missas, cerimônias de primeira comunhão e também através das orações feitas diariamente na entrada das aulas e no retorno dos recreios.

3.2. A EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA NO GRUPO ESCOLAR RAUL SOARES E AS REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS.

Nos anos de 1930, surgirá no Grupo Escolar, uma matéria que terá por objetivo, ensinar aos alunos noções de moral e civismo. Vejamos, o depoimento de uma ex-diretora do Grupo Escolar Raul Soares:

---

51. Ibidem, p. 107.

M. Fale-me sobre a matéria Civilidade.

M. L. A: Ah! Essa matéria era interessante. Ensinávamos aos alunos bons modos, bons costumes... Por exemplo, ensinávamos aos alunos a se portar na mesa, a maneira correta de se sentar, de se andar, as posturas. Eu acho que essa matéria é imprescindível hoje em dia. Sinto que a educação perdeu muito quando deixou de ministrar essa matéria.

Segundo esse depoimento, no Grupo Escolar Raul Soares, existia uma matéria que chamava-se civilidade, onde os alunos aprendiam noções e valores morais em voga naquela sociedade. Assim, ensinavam aos alunos regras sociais, noções de etiqueta, imbuindo no educando um comportamento esperado pelo sociedade. Dessa forma, ensinavam aos alunos a falar e escrever corretamente.

Em um outro depoimento de uma ex-aluna que estudou no Grupo Escolar Raul Soares, no final dos anos de 1920, ela relatou que não havia uma matéria especifica com o nome de Civilidade, mas as noções de pátria, nação, estudo sobre os símbolos nacionais eram ministradas nas aulas de Geografia e História do Brasil.

Ora, foi somente após a Reforma de Rocha Vaz (1925), que a instrução moral e cívica foi introduzida nos cursos primários, a partir da exigência desta matéria nos programas de admissão ao curso secundário.

Com relação ao ensino primário, em Minas Gerais, Francisco Campos (1931), antecedendo o que veio acontecer em nível nacional, substitui o ensino moral pelo ensino religioso:

> *Quanto à educação cívica, Campos acreditava que a escola poderia realiza-la "imitando o jogo dos processos sociais, ou antes, adotando-o na vida escolar, pela organização de associações infantis destinadas a fornecer ao instinto social da criança formas claras e quadros regulares, cujas linhas solicitem, orientem e disciplinem o exercício das atividades sociais."*[52]

[52] Ibidem, p. [illegible]

Descreveremos aqui algumas práticas e idéias desenvolvidas no Grupo Escolar Raul Soares visando, através do que chamavam de instrução moral e cívica, impor ao educando as representações criadas pelo Estado e pela Igreja visando criar um imagem positiva da nação, digo da nação enquanto um Estado Burguês e imagens negativas sobre o comunismo que foi considerado o principal inimigo do Estado e da Igreja (principalmente a partir de 1930).

Percebemos que no Grupo Escolar, o ensino moral, no período aqui analisado, estava intimamente ligado ao ensino religioso. Vejamos um depoimento de ex-aluno daquela época:

> *Ah! O que aprendíamos era em primeiro lugar o respeito. Sim o respeito. O respeito a Deus, aos nossos pais, às nossas professoras, que eram como se fossem uma segunda mãe para nós. O respeito à pátria...*

Mas, afinal, o que é o respeito que em tantos depoimentos aparece como algo perdido pelas novas gerações?

O respeito é acima de tudo um valor religioso. Somente é digno de respeito o que é sagrado. Assim os pais, as professoras, os mais velhos, as autoridades eclesiásticas e políticas, a pátria, etc. eram considerados pelo educando como algo que deveria ser aceito sem questionamento. Ora, estamos falando de crianças que desde os primeiros dias de vida, são treinadas a aceitar a autoridade como sagrada. Desse modo, bem antes da escola, as crianças eram preparadas para se adequarem às imposições sociais veiculadas pela escola, a qual, enquanto o "locus" oficial da educação, veio contribuir para a intensificação dos valores morais adquiridos na família.

Outra prática, aparentemente neutra, mas que visa imbuir na criança determinados valores, são os uniformes escolares. O uniforme possibilita aos professores identificar os seus alunos, visando um maior controle sobre os mesmos. Através dos uniformes era possível ao professor controlar os alunos, tanto no interior das dependências do

estabelecimento de ensino, quando nas ruas das cidades. Principalmente quando os mesmos retornavam ou saíam de suas residências em direção à escola.

No Grupo Escolar Raul Soares, os uniformes no início dos anos de 1930 eram determinados pelas professoras, e cada turma tinha o seu próprio uniforme, vejamos o depoimento de uma ex-professora desse período, concedido a um jornal local:

> *(...) Os alunos vestiam uniforme variado, de acordo com o gosto da professora. Os de minha turma usavam uniformes semelhante aos escoteiros. As alunas tinham uniforme vermelho.53 (...)*

Muito mais do que controle disciplinar, os uniformes podem ter contribuído para a construção de valores da burguesia, entre eles a igualdade. Quando as crianças usavam os seus uniformes as suas diferenças com relação à origem social ou racial era camuflada, criando imagem de uma escola onde os alunos são todos iguais.

Vejamos um depoimento de um ex-aluno que estudou no Raul Soares entre 1932 a 1936.

> *No Raul Soares tinha alunos da classe rica, da classe média e da classe pobre. Todos eram tratados com a mesma igualdade. E isto é importante.*

A diretora, as auxiliares de direção e as professoras eram as responsáveis pela suplementação das necessidades dos alunos menos favorecidos, no intuito de amenizar as diferenças sociais no Raul Soares. Seria incoerente ensinar às crianças que todos somos filhos de Deus, e que, devemos viver em uma sociedade harmoniosa, onde todos somos iguais, se na própria escola as diferenças entre as crianças não fossem amenizadas.

E desta forma, que encontramos um série de campanhas pleiteadas pelos diretores e professoras no sentido de sensibilizar a população para a necessidade de suprir as necessidades básicas dos alunos, entre tais necessidades o uniforme.

---

53 Essa ex-professora, D. Maria José Rodrigues Terrim, lecionou no Raul Soares entre os anos de [illegible]. (Folha Popular, 15/10/89, p-4).

> *O Grupo Escolar Raul Soares desta cidade, modelar estabelecimento de ensino público, acaba de reorganizar a "Associação das Mães", entidade esta que visa favorecer com roupas, calçados, merenda, etc., as crianças pobres que se acham matriculadas naquele educandário.*
>
> *Sob o patrocínio e orientação da Ex.ma. Sra. Prof. D. Arlinda Carneiro da Cunha, operosa diretora do Grupo, e diretora da Associação e com o concurso das zelosas professoras, essa notável e humanitária instituição escolar espera contar com a boa vontade das Exmas. Sr.as. Mães de família araguarinas para levar a cabo o magnífico programa cuidadosamente traçado dentro das normas regulamentares e que visa a elevação do nível vital dos pobrezinhos matriculados naquela casa de instrução primária.*[54]

Desta forma, os valores morais praticadas e ensinados no Raul Soares, era valores burgueses, apropriados pela Igreja e redimensionados para os alunos como deveres sagrados. Entre esses valores podemos destacar os seguintes: a solidariedade, a igualdade, a docilidade, a hierarquia, o patriotismo e o trabalho.

A criança ao chegar no Raul Soares, nos parece que já trazia do lar noções morais que eram reproduzidas, intensificadas e apropriadas pelo educando na escola. As crianças não somente aprendiam as noções sobre o trabalho, como eram feitas excursões nas fábricas, tipografias e outros estabelecimentos significativos da burguesia local.

Para ilustrarmos, descreveremos uma nota publicada em um jornal local:

> *Alunos do 4º ano do Grupo Escolar acompanhados pela professora Geralita Santos visitam nossas oficinas gráficas*
>
> *Os alunos do 4 º ano primário do Grupo Escolar local, em companhia da competente professora Geralita Santos, visitaram Sexta-feira, dia 29, as nossas oficinas gráficas.*
>
> *Os visitantes tiveram ocasião de assistir os trabalhos de composição, paginação e impressão, mostrando-se, com relação aos mesmos, muito interesse, visto que a classe tem o seu jornalzinho mimeografado.*
>
> *Ao se retirarem, ofereceram um número do referido jornal, "Gavetinha Escolar" a redação da "Gazeta do Triângulo". 55*

[54] Gazeta do Triângulo, 25/04/1937, p.02.

Vejamos, através de uma redação de um ex-aluno, divulgada no Jornal Mensal do Grupo Escolar Raul Soares, citado pela nota acima e publicado em 19 de maio de 1937, a importância do trabalho enquanto um valor moral:

Diálogo

Adaptação. por Sebastião Campos.

Um dia estava passeando e ouvi falarem dois meninos.

_ Bom dia, Jonas.

_ Bom dia, Silvio.

_ Vamos brincar Jonas?

_ Não Silvio. Agora vou estudar.

_ Adeus Jonas. Eu vou brincar e você vai trabalhar. Adeus.

Muitos anos depois, chegou um rapaz sujo e mal vestido na escola, e disse:

_ Bom dia, caro professor.

_ Bom dia, caro homem.

_ Tenha piedade de mim.

_ O que queres?

_ Serviço meu senhor. Quero varrer a sala e carregar lixo.

_ Como se chama você ?

_Chamo-me Silvio.

_ Não sabe fazer mais nada?

_ Não senhor

_ Pois espero que aprendas mais coisa útil.

Quem era o professor?

Já sabemos quem era.

55 Gazeta do Triângulo. Ano III, n.º 136, 08/09/1939, p-01.

Neste diálogo, podemos observar que os valores do trabalho e a procura do desenvolvimento pessoal eram cultivados na escola. Era necessário o esforço pessoal para conseguir trabalho, uma boa colocação dentro da sociedade onde estava inserido. Nesse sentido, o trabalho aparece como o único caminho para a promoção social, criando uma falsa imagem que todos teriam acesso às mesmas oportunidades independentemente de sua origem social.

A educação cívica era ministrada no Grupo Escolar através de práticas que visavam cultuar o que era determinado como representante da nação. Não havia uma matéria específica onde ensinavam o civismo. Em todas as matérias ensinavam valores que visavam a criação de uma imagem sobre a nação brasileira.

Desta forma, em História do Brasil cultuavam "os grandes heróis" nacionais, ensinavam as datas nacionais. Em Geografia do Brasil, ensinavam não somente a decorar as capitais dos Estados brasileiros, como também imbuir no aluno a imagem de um país rico, mas que precisava desenvolver-se e que era através do trabalho que o país desenvolver-se-ia cabendo a cada brasileiro a sua parcela de contribuição. Em Língua Pátria ensinavam não somente a escrita e a leitura, como a produzir texto que tinha por tema a nação, a pátria, etc.

No Raul Soares eram praticadas várias ações que visavam introduzir nos alunos conceitos e imagens sobre a nação, desta forma, pretendiam sensibilizar os mesmos para que o processo de apropriação das imagens e conceitos sobre a nação fossem bem sucedidos.

Vejamos como eram comemoradas as datas nacionais.

Segundo o depoimento de uma ex-professora já citada, no período que ela lecionava as datas nacionais eram comemoradas da seguinte forma:

> *Para comemorar datas, quando não havia desfile, havia concentração no pátio, inclusive para os auditórios, com números de cantos, declamações e peças teatrais, escritas pelas professoras. O diretor*

> *discursava e eram convidadas autoridades para se pronunciarem a respeito. 56*

Muito mais do que espetáculo, eram nessas comemorações que os educadores podiam controlar e disciplinar com maior eficiência os seus educandos. Tais práticas disciplinares impostas aos alunos chegavam à beira da militarização dos mesmos, imbuindo neles valores que tornavam as representações ali cultuadas em algo sagrado. O rito da comemoração funcionava da mesma forma que o rito religioso.

Nos ritos religiosos, a disciplinarização dos corpos é eficiente o suficiente para ao simples gesto ou ao pronunciar alguma palavra, produzir no indivíduo uma reação mecânica.

No rito de comemoração, os corpos também são disciplinados para obedecer aos gestos ou palavras do rito. Assim, ao tocar o Hino Nacional o aluno deveria colocar-se de pé, ajuntar os pés e colocar a mão no peito esquerdo, simbolizando o amor a pátria.

Nos desfiles, a disciplina era mais rigorosa. Não somente o sentimento de amor a pátria estava ali representado como também o Grupo estava expondo-se à comunidade em geral, portanto, tornava-se necessário que os alunos representassem os valores cultuados na escola.

O canto orfeônico era outro instrumento amplamente praticado na Escola. Vejamos o depoimento de uma ex-aluna

> *(...) Eu me lembro que aprendíamos vários hinos, e eu como já havia estudado piano em casa e tinha noção de música, eu ensinava aos outros alunos os hinos. Eu gostava muito de auxiliar as minhas professoras nas aulas de canto orfeônico.*

No período aqui estudado não foi identificada uma matéria específica para o estudo do canto orfeônico na Instituição em estudo, mas nos parece que os cantos eram ensinados na escola em diversas ocasiões: na própria sala de aula ou nos intervalos entre as aulas e o recreio.

56 Jornal A Tribuna, 15/10/1980.

Os cantos visavam rememorar ao educando imagens sobre a pátria, a ecologia (como era o hino das árvores), etc. contribuindo para consolidar uma série de práticas que eram cultuadas em torno dos valores burgueses.

3.3. OS MEIOS DE COMUNICAÇÕES E AS REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS

Para Lenharo57

> *A técnica da propaganda explora exaustivamente um dado clima de religiosidade constitutivo das relações entre chefe e comandados, que se consubstancia principalmente no culto de veneração à pátria.*

Não nos resta dúvida que a propaganda nos meios de comunicação de massas eram essenciais em regimes ditatoriais, como o Estado Novo. Os meios de comunicação eram responsáveis pela divulgação das idéias e imagens criadas pelo Estado em torno do conceito de nação.

A imprensa, ao lado rádio, constituíam os principais meios de comunicação de massa na época. Nesse sentido, as idéias e as determinações do Estado eram amplamente divulgados na imprensa local. Através da mesmas poderemos traçar algumas características da representação do nacionalismo na Escola por nós estudada.

Referindo-se à função da propaganda no Estado Novo, Lenharo escreverá o seguinte:

> *Num setor estratégico para o controle social como a educação infantil, o discurso dos livros escolares, especialmente editados neste período, relevam o "labor quotiano", "os cuidados com o lar", "a tenacidade" e a "grande virtude militar, a disciplina", para a construção da pátria. O*

57 Cf. LENHARO. A sacralização da política, p. 49.

> *espaço social da escola é esquadrinhado de maneira neutralizadora e envolvido por uma redoma defensiva do mundo externo, pleno de tensão e conflito. Lar, Escola e Pátria constituem as únicas referências geográficas utilizadas. Todos esses espaços estão preenchidos de amor e desprovido de conflito: "Só o amor constrói". O Lar é o espaço privilegiado do aconchego. Na escola, o professor desperta sugestões emotivas e exercita para o impulso heróico e para o "apostolado cívico". Pais e filhos, professores e alunos não se manifestam hierarquicamente. As relações sociais, do lar à escola e, deles, para o genérico da Pátria, diluem-se gradativamente, sustentadas apenas pelo crivo da moralidade*[58].

Neste sentido, o controle aos conteúdos ministrado na sala de aula constituiu uma das preocupações básicas do Governo em relação às escolas. Vejamos o segundo artigo do decreto-lei n.º 168, de 04 de Janeiro de 1937:

> *Art. 2º - Dentro do Horário Escolar, não será ministrado o ensino de disciplinas estranhas aos programas de ensino primário em vigor. (...).*[59]

Naquele momento, quando o Estado Novo estava prestes a acontecer Vargas intensifica o controle sobre as escolas, no intuito de evitar que idéias contrárias ao seu projeto de governo fossem divulgadas na escola. Dessa forma, aos professores cabia aplicar os conteúdos provindos do Estado ou que passaram pela sua censura.

Os conteúdos aplicados na escola, como nos demostrou Lenharo, não eram neutros, visavam difundir as representações construídas pelo Estado no âmbito escolar.

O combate ao comunismo constituiu uma preocupação para o Estado amplamente divulgada nos meios de comunicação, vejamos parte de um artigo publicado em 03/10/1937 por um jornal local:

> *Minas intensifica a sua obra de preservação social.*
>
> *Comissão para saneamento moral nas escolas, nos rádios e nos livros.*
>
> *No sentido de completar o conjunto de providencias e de medidas destinadas a sistematizar o combate ao comunismo, desenvolvendo uma*

[58] Bufalo, p. 19.
[59] Gazeta do Triangulo, 29/01/1938, p. 05.

> *campanha coordenada e tenaz que infunda um nacionalismo sadio e forme uma consciência moral mais atenta aos perigos da ideologia vermelha, o governador Benedicto Valladares expediu a 22 do corrente, dois decretos de um alcance decisivo para a obra de preservação social.(..) Esses decretos são: "o primeiro visa dar maior eficiência ao ensino cívico e ao combate anticomunista. É o seguinte:*
>
> *'Decreto n.º 1007- nomear uma comissão para formular sugestões no sentindo de maior eficiência do ensino cívico e do combate ao comunismo em todas as escolas do Estado de Minas Gerais'. (...) . O segundo decreto destina-se a orientar a campanha anticomunista, por todos os meios de divulgação, tendo o seguinte teor:*
>
> *'Decreto n.º 1008 – nomeia uma comissão para orientar a propaganda anticomunista, por meio de jornais, revistas e radiodifusão, e fazer a censura a todas as obras, de caracter didático, técnico, político, social que de forma direta ou indireta propagar idéias comunistas.(...)'60*

Podemos observar uma enorme preocupação das elites e do governo com relação ao avanço das idéias socialistas nas escolas, exercendo um controle rigoroso através de uma legislação que não representava a vontade popular mas um acordo entre as elites brasileiras e o governo do Estado Novo.

Outra forma de divulgação das representações nacionalistas na escola, foi a criação, manutenção e difusão de jornais infantis:

> *O Serviço de Divulgação da Polícia do Rio, desejando intensificar ainda mais a campanha de combate aos extremismo e conseguinte preservação dos princípios básicos do Estado Novo, vai criar uma 'Rede de Jornais Infantis'(...). 61*

Na Instituição em pauta existiu na época um jornalzinho, onde eram divulgadas redações dos alunos, resultados de provas, propaganda sobre livrarias e outros, edital sobre a Escola e agradecimentos.

Esse jornalzinho era mimeografado e foi fundado em 1935, vejamos o editorial da edição de 19 de maio de 1937:

---

60 Gazeta do Triângulo, 03/10/1937, p. 3.
61 Gazeta do Triângulo, 22/05/1938.

Fundamos a Gavetinha Escolar em 1935. Devido as dificuldades financeiras do Grupo, nosso jornalzinho não pode sair no começo deste ano.

Agora com alguns sacrifícios resolvemos continuar a tirar o jornalzinho, porque ele é o porta-voz da vida escolar das crianças do Grupo Escolar "Raul Soares"

Ele publica as notícias das nossas excursões, festas e resultados dos nossos estudos escolares.

Zilá Fracon

4º ano "A"

Esse jornal era produzido pelos alunos e veiculado na escola e na comunidade local, expressa as idéias dos alunos com relação aos valores morais e patrióticos desenvolvidos e cultuados na escola.

Nele encontramos uma preocupação dos alunos, possivelmente orientados pelas suas professoras, em divulgar os heróis nacionais, preocupação como o meio ambiente, e valores como coragem, trabalho, solidariedade, recompensa, harmonia e outros. Esses valores construíam imagens sobre a sociedade e sobre a escola como locais sem conflitos, harmoniosos onde cada um faz a sua parte para o benefício de todos. Desta forma, a luta de classes é mascarada cultuando uma representação que, criada pela burguesia, era reforçada por instituições da sociedade civil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa monografia queremos compartilhar com o leitor as dificuldades com as quais deparamos no decorrer dessa investigação.

No que diz respeito às fontes primárias, escritas e iconográficas, houve dificuldades para localizarmos documentos do período proposto para a análise (1928-1945). Foi necessário um intenso trabalho de levantamento junto ao Arquivo Público Municipal, ao arquivo da escola e a outros arquivos da cidade (particulares, da prefeitura, da Câmara Municipal e da Biblioteca Pública de Araguari). Os documentos encontrados na escola aqui referida foram poucos pois, segundo um ex-diretor, a escola foi vítima de um incêndio nos anos 1950 e poucos foram os documentos que se conseguiu preservar.

No que diz respeito às fontes orais, sentimos dificuldades, principalmente, na localização de pessoas relacionadas com o passado da Instituição, mas, no decorrer da pesquisa esses obstáculos foram superados.

O Grupo Escolar Raul Soares de Araguari, foi por muitos anos, o único estabelecimento de ensino público no município. Essa escola, foi importante não somente para a cidade, como também para a região. Ela recebia alunos da própria comunidades e outros provindos de outras comunidades, em especial do sul goiano, devido à proximidade da cidade com o Estado de Goiás.

Acreditamos que as representações construídas em torno da nação e do comunismo, pelo Estado Novo, foi amplamente divulgada e implantado no Grupo aqui analisado. A escola era e ainda é, um locus privilegiado para a formação moral e intelectual do indivíduo.

Ainda que o "Grupo Escolar Raul Sores" não atendesse a todas as crianças, pois isso era impossível, devido à falta de estrutura do mesmo, ele era, naquele momento, o único estabelecimento de ensino onde as crianças de classes menos favorecidas podiam estudar. É verdade que o município tentara suprir essas necessidades criando várias escolas

municipais, mas segundo depoimentos, as escolas municipais eram, na maioria, rurais ou distritais.

Foi sobre o primazia de valores religiosos, morais e cívicos construídos e divulgados não somente pelo Estado Burguês, mas também pela Igreja Católica; que a partir de um dado momento (em especial nos anos de 30), essa tornou-se aliada do Estado, para a construção do novo cidadão, criando, para tanto, representações sobre a nação.

A escola, neste sentido, tornou-se o palco para diversas representações que visavam moldar a criança para a formação do novo cidadão.

O Estado-Novo, considerado neste momento como a solução para o saneamento moral dos brasileiros e para as "ameaças" à pátria, encontrou na escola uma instituição capaz de divulgar com êxito o seu ideal. E quando falamos de Estado-Novo, não podemos nos esquecer do seu principal protagonista: Getúlio Vargas. No Raul Soares, durante o Estado-Novo, havia um verdadeiro culto a esse personagem.

Segundo depoimentos de ex-alunos e ex-professores, no grupo comemorava-se o aniversário de Vargas como se comemorava qualquer outra data cívica. Desta forma, a Escola, principalmente através dos discursos feitos pelas professoras, contribuía para a construção de um mito em torno da imagem de Vargas.

Todas as práticas e os discursos descritos no terceiro capítulo visavam criar representações sentimentalistas sobre a nação, onde os valores da burguesia eram apropriados como se correspondessem aos valores de todo o povo brasileiro, enquanto os valores de ideologias contrárias a burguesia eram combatidas como contrários aos interesses desse mesmo povo.

Assim sendo, as representações do nacionalismo tinham a finalidade de impor à criança idéias e imagens sobre a nação que correspondiam aos anseios do Estado Burguês naquele momento e ao mesmo tempo inibiam qualquer forma de representação favorável ao comunismo.

Essas representações, aliadas ao rígido controle disciplinar, visavam criar um modelo de cidadão dócil e útil à classe burguesa, contribuindo, dessa forma, para a manutenção da sua hegemonia.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia a aparelhos ideológicos.** São Paulo, Martins Fontes, s.d.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**, 4ed. rev. amp. Brasília, EdUNB, 1963.

BAIA HORTA, José S. **O Hino, o sermão e a ordem do dia**: a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História.** Novas Perspectivas. São Paulo, UNESP, 1992

CARVALHO, Carlos Henrique de, e outros. Reflexões em torno da expansão escolar no Triângulo Mineiro. Uberlândia –MG, **Boletim informativo especial do CDHIS –UFU**, n.º 22, ano 11, 1º semestre/1998, p- 5 a 7.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural**: entre práticas e representações. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Bertrand Brasil, 1990. (Memória e Sociedade).

_____. O mundo como representação. Trad. A. Daher e Z. Reis. **Estudos avançados** (São Paulo), v.5, n.11, p-173-191, jan./abr. 1991.

CURY, Carlos Jamil. **Educação e contradição**. São Paulo, Cortez,1985.

_____. **Ideologia e educação brasileira**. São Paulo, Cortez, 1978.

_____. Ensino religioso e escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil. **Educação em revista.** Belo Horizonte: UFMG, n. 17, pp.20-27, 1985.

D'ANTOLA, Arlette (org.) **A disciplina na escola:** Autoridade versus autoritarismo. São Paulo, Cortez, 1989.

DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. In: **Sociologia e filosofia**. 2ed. Trad. J. Camargo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, s.d., pp.15-49.

ESPIG, Márcia Janete. "Limites e possibilidades de uma nova História Cultural". **Revista Locus**, Juiz de Fora, Gráfica UFJF, v.4, 1998, pp. 07-18.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** vontade de saber. 12 ed., Rio de Janeiro, Graal, 1997.

_____. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro, Vozes, 1977.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado & Sociedade.** 6ed., São Paulo, Moraes, 1980. (Coleção educação universitária)

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS/INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo, Cia das Letras, 1989.

GONÇALVES NETO, Wenceslau e outros. História e Memória Educacional: A construção de uma História das Instituições Educacionais Brasileira. **Boletim CDHIS**-UFU,1996.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da História.** 5ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1979.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política.** Campinas, Papirus/Unicamp, 1986.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história. In: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História.** Novas Perspectivas. São Paulo, UNESP, 1992.

LOPEZ, André Porto Ancora. Organização de Arquivo de Documento Imagético. **Revista História.** São Paulo, 16, 1997, p. 279-296

MAGALHÃES, Justino. **Contributo para a História das Instituições Educativa: entre a Memória e o Arquivo.** Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo, Loyola, 1996.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e a república.** São Paulo, Nacional, 1941, 4 v.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a Escola,** São Paulo, Ática, 1992. (Série: Princípios).

MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise.** Trad. A. Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira república.** Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar/MEC, 1974.

NAVES, M. Consuelo F. Montes e RIOS, Gilma Maria. **Araguari cem anos de dados e fatos.** Araguari, Prefeitura Municipal de Araguari, 1988.

NOSELLA, Paolo e BUFFA, Ester. **Schola Mater – A antiga Escola Normal, São Carlos-1911-1933.** São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi e outros. **Estado Novo ideologia e poder.** Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

RIBEIRO, Maria Luisa. **A Formação Política do Professor de 1° e 2° graus.** 2ed., São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **História da Educação Brasileira.** 2 ed., São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. **Trabalho, Ordem e Progresso: uma descrição sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924- 1964.** São Paulo-USP, 1989 (Tese de Doutoramento).

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação Brasileira.** 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1980.

SÁ, Roberto Pereira. **A construção do objeto em representações sociais.** Rio de Janeiro, UERJ, 1998.

SAINT- HILAIRE, August. **Viagem à província de Goiás.** Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. (Coleção: Reconquista do Brasil, v.8).

TORRES, João Camilo de Oliveira. **História de Minas Gerais.** 3ed. Belo Horizonte, Lemi; Brasília, INL, 1980, 3 v.

VAINFAS, Ronaldo. Da História das Mentalidades à História Cultural. **Revista História**, São Paulo, UNESP, v.15, 1996, pp. 129 - 139

VENANCIO, Renato P. A História e a Micro-história: uma entrevista com Carlo Ginzburg. **Revista de História.** Ouro Preto: UFOP, 1: 1-6, 1990.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. **A Pesquisa em História**. 2 ed., São Paulo, Ática.

WIRTH, John D. O **Fiel da Balança;** Minas Gerais- na Federação Brasileira – 1889-1937, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

WOLF, Joel. "Pai dos Pobres" ou "Mãe dos Ricos"? Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954. **Revista Brasileira de História**, v.14, n.° 27, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1994, pp. 27-59.

Fontes primárias

ARAGUARI-MG. E. E. RAUL SOARES/ARQUIVO. **Decreto n.º 2497-ato de criação-1908**.(manuscrito)

ARAGUARI-MG. Arquivo Público. **Pasta Raul Soares**. Documentos diversos.

ARAGUARI –MG. Arquivo Público. Coleção: **Jornal Gazeta do Triângulo**,1937 a 1940.

ARAGUARI – MG. Arquivo Particular "Prof. Abdalla Mameri". **Pasta Raul Soares**. Documentos Diversos.

ARAGUARI – MG. Arquivo Particular "Prof. Abdalla Mameri". Coleção: **Botija Parda**, s/d.

ANEXOS

Anexo -1

Tabela1: referente à fundacão de escolas nas regiões das 39ª e 40ª S. R. Es

CIDADES	DÉCADAS								
	1880	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	TOTAL
Uberlândia	00	00	00	02	02	02	00	05	11
Centralina	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Nova Ponte	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Tupaciguara	00	00	00	00	00	00	00	02	02
Prata	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Indianópolis	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Monte Alegre de Minas	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Araguari	**00**	**00**	**01**	**01**	**03**	**00**	**04**	**05**	**14**
Uberaba	01	00	01	01	02	00	05	06	16
Araxá	00	00	00	01	00	02	02	02	07
Campo Florido	00	00	00	00	00	00	01	00	01
Campos Altos	00	00	00	00	00	00	01	00	01
Carneirinhos	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Comendador Gomes	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Conceição das Alagoas	00	00	00	00	00	00	02	01	03
Conquista	00	00	00	01	00	00	00	00	01
Fronteira	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Frutal	00	00	00	01	00	00	01	02	04
Itapagipe	00	00	00	00	00	00	01	02	03
Iturama	00	00	00	00	00	00	00	03	03
Limeira do Oeste	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Planura	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Pratinha	00	00	00	00	00	00	00	03	03
Pedrinópiis	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Pirajuba	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Sacramento	00	00	00	00	01	00	00	01	02
Santa Juliana	00	00	00	00	00	00	01	01	02
São Francisco Sales	00	00	00	00	00	00	01	00	01
Tapira	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Verissimo	00	00	00	00	00	00	00	01	01
Total	01	00	02	06	08	04	20	34	75

Fonte: GONÇALVES NETO, Wesceslau e outros. **História e Memória Educacional: A construção de uma História das Instituições Educacionais Brasileira.** Universidade Federal de Uberlândia. (mimeo)

Anexo 2

Exmo. Senr. Dr. Secretario do Interior

A matrícula do grupo escolar desta cidade, a maior que tem havido de cinco annos a esta parte, foi concorrida por 511 creanças. A partir de seu encerramento, mais de 50 novos candidatos vão diariamente solicitando matrícula extraordinaria ou logares de ouvintes. A diretoria tem se recusado até de tomar nota dos nomes desses candidatos para pedir a V. Exª. permissão para sastisfazel-os, porque não pode accomodar, segundo as regras da pedagogia nas acanhadissimas salas de que dispõe o estabelecimento, nem siquer os alumnos que o frequentam diariamente. Pelo art. 182 do regulamento vigente as salas de aulas devem ter 63 metros quadrados e 5 de altura. Os que existem no grupo escolar, em número de 4, têm a area de 35,624 m² as duas maiores e 28,224 m² as menores, como se vê da planta graphica que acompanha o presente relatorio. Reduzidas as reintrancias que apezar de existerem não foram tomadas em considerações nos presentes algarismos, as quatro salas reunidas não excedem as duas em tamanho.

O grupo escolar funciona em dois turnos.

Eis o movimento da actual inscripção de alunos em cada sala e a frequencia de janeiro.

Sala nº 1(35,624m²) Suas classes do 1º anno, uma com 84 e outra com 94, tendo tido frequencia legal no referido mez 46 e 67 alumnos respectivamente. Esta sala chegou a comportar no dia 28 em um só turno 73 alumnos!

Idem nº 2 (35,624m²) uma classe do 1º de 92 e outra de 56 do 3º anno; frequencia de 61 e 45 alumnos.

Idem ou corredor nº 3(28,224 m²) uma classe do 4º ano com 16 e outra do 2º anno com 73 e frequencia legal de 30 e 45 alumnos.

Idem, idem n.º 4(28,224 m²) uma classe do 2º com 46 e outra do 1º anno com 73 e frequencia legal de 30 e 43 alumnos, respectivamente.

A insufficiencia da cubagem de ar, de uma forma geral é patente. O corredor ou sala n.º 4, com sua frente voltada para o acaso, offerece um verdadeiro supplicio para os pobres e numerosas creanças que ahi são forçadas a estudar. Fechadas as suas 4 janellas. Fica elle escuro e a classe num ambiente abafadiço, quente, ante-hygienico e doentio ao mesmo tempo. Abertas, impossível se torna supportar o sol abrazador que ahi penetra.

É desnecessario se insistir neste ponto para que o lucido espirito de V. Exª., comprehenda facilmente a absoluta ausencia que há de condições de bom finccionamento de que se resente o grupo escolar.

Pela numerossima população infantil desta cidade, pela boa vontade do povo e pela reconhecida competencia do corpo docente, tem o estabelecimento elementos para ser um dos primeiros do Estado. Infelizmente, porem, não é assim. Alem da imprestabilidade que acaba de ser apontada, com relação a pequenez e má posição das salas, como se vê da fiel demostração graphica, há a notar que o serviço de canalisação dagua nunca foi completo e o pequenissimo que há está inutilisado.

A água para beber á trazida do vizinho e para a lavagem das salas e reservatorios sanitarios é conduzida em baldes. A parte mais melindrosa da presente exposição, consistem na franca ruina em que se acha o prédio. No dia 2 do corrente mez, um temporal que por aqui passou,

lançou por terra o alpendre, não derrubando nenhuma outra casa apesar de ser muito grande a cidade. A mandado do Snr. Cel. Presidente da Camara, foi a tecto examinado por dois praticos. Encontraram elles rachadas duas linhas, das principaes que sustentam o telhado, linhas que estão se abatento e já muito fora do logar. Fatalmente, si não for acudido a tempo, dentro em pouco o telhado virá abaixo e oxalá que não victime alguma dos centanares de pessoas que por baixo delle ficam horas e horas em serviço do ensino em busca do saber.

Em resumo: Ao mundés em que fincciona o grupo escolar, situado em terreno pequeno e improprio, tudo falta e por muito que seja elle concertado, nunca poderá prehencer como deve, os fins para que está destinado, principalmente em harmonia co o crescimento extraordinario que vae tendo a população e com a cultura civica e intellectual que há nesta cidade.

Polo exposto, vêm, pois assignados pedir que se digne V.Exª. providenciar no sentido de ser mandado construir com a maior urgencia possivel, em terreno maior, plano 4 e secco, um novo edificio que tenha pelo menos dez salas de aulas, uma para biblioteca e museu, gabinetes para a directoria e professrado, galpões, alpendres, jardins, etc, etc, tudo de accordo com o que há em outras cidades menores do que esta e de inferiores rendas publicas.

Será mais um serviço de inestimavel valor que V.Exª. irá prestar à santa cresada do ensino de nossa estremida Minas.

Araguary, 26 de fevereiro de 1918.

Anexo 3

Acta da decima quarta sessão ordinária da Camara Municipal de Araguary em sua quarta reunião annual.

Presidencia: Cel. Marciano Santos

Secretário: Delermano Cardoso

Aos vinte e sete dias do mês de Outubro de mil novecentos e vinte e quatro, ao meio dia na sala das sessões da Câmara Municipal de Araguary fez-se a chamada e a ella responderam os vereadores Marciano Santos, presidente, Philadelpho de Lima, Belchior de Godoy, Abilio Ferreira, Hortêncio Machado, Antenor Dias Viera e Delermando Cardoso.(...)

(...) Pelo vereador Belchior de Godoy foi apresentado o seguinte projeto, que tomou o numero 104: "Considerando que o orçamento elaborado pelo Governo do Estado para a construção do Grupo Escolar é inexiguível pela insuficiência da importância destinada a varias verbas; considerando que o Governo do Estado, mesmo com o orçamento insufficiente em questão; entra com a importância bem maior que metade do custo da obra, do qual a outra metade dessa caber à Camara Municipal, considerando que novos entendimento com o governo, no sentido de demonstrar a inexequibilidade do orçamento formulado viriam protelar por mais tempo ainda a construção do Grupo, necessário sob o ponto de vista da instrução publica do municipio e de vantagem sob o ponto de vista de embelesamento da cidade: submeto à consideração do Camara o seguinte projeto: Art.1° - Fica creado o imposto de 5% addicionaes sobe todos os impostos e taxas municipaes. Art. 2° - Este imposto sera arrecadado sobe a denominação de "addicionaes Instruções Publica" e será devido a penas no exercicio de 1925 e no de 1926. Art. 3° - O produto do imposto "Addicionaes Instruções Publica se destina a auxiliar a construção do Grupo Escolar desta cidade, sendo o saldo de sua applicacãos, si houver, aplicar em outro destino qualquer. Art. 4° - O Agente do Executivo obrigar-se-á, por termo de contrato com o construtor que assumir a obrigação de construir o "Grupo Escolar" pelo orçamento elaborado pelo Governo do Estado pelo engenheiro da Camara. Art. 5° - O Agente Executivo, sancionada esta lei, mandará publical–a como anexo à lei do orcamento, de que fica fazendo parte. Art. 6° - Revogam-se as disposições em contrario". (...)

Acta da décima setima sessão ordinária da Camara Municipal de Araguari, em sua Quarta reunião annual. (...)

(...) Expediente- (...) – as commissões de Legislação e de Fazenda, reunidas, offereceu o seguinte substitutivos ao projecto n.° 104: Art. 1° - fica o Agente do Executivo autorizado a dispender, pela verba "Obra Pública" – durante o exercício de 1925 a importancia necessária à construccão do Grupo Escolar de Araguari, nos termos da lei n.° 259, de 25 de Julho de 1923 assim como o que fôr necessário para o auxílio da municipalização à Construção do edíficio. Art.2° - revigam-se as disposição em contrário(...)

Acta da décima oitava sessão ordinária da Camara Municipal de Araguari, em sua Quarta reunião annual. (...)

Aos trinta e um dias do mez de outubro de mil novecentos e vinte e quatro(...)

(...) Ordem do dia: Entraram em primeira discussão, artigo por artigo, os projectos numeros 104 e 105, os quaes, postos a votos, cada um per si, foram approvados, isto é, do primeiro e o substitutivo. O Projeto 104 foi rejeitado, tendo obtido a aprovação da Camara o

substitutivo apresentado a este referido projeto pelas Commisões de Legislação e fazenda, reunidas(...).

Obs.: Essas atas encontra-se no livro de atas da Câmara Municipal de Araguari, tal documento pode ser encontrado no Arquivo da Câmara, em um livro próprio para anotar essas atas, contendo 100 folhas, essas partes de atas aqui transcritas encontram-se respectivamente nas páginas: 25/26; 30 e na 32.